

A Capital Nacional da Moda Tricô

Monte Sião é um município que fica no sul de Minas Gerais, na divisa com o estado de São Paulo. Pela estimativa do IBGE em 2022, conta com 24 089 habitantes. Sua área é de 292 km² e a altitude é de 850m. Monte-sionense é o gentílico para quem nasce em Monte Sião.

FUNDADOR: Dr. Antonio Marcello da Silva - 15/01/1958

Março de 2025 - Nº 633

Diretores - Antonio Marcello da Silva (*1931-) - Pascoal Andreta (*1915 - + 1982) - Ugo Labegalini (*1931 - +2012) - Ivan Mariano Silva (*1935 - +2020) - Alessandra Mariano (1969 -)

PODIA SER MACONDO, MAS FEZ-SE MONTE SIÃO

MATHEUS ZUCATO

No dia 29 de março, Monte Sião completa 176 anos de história. E a felicidade sempre será a nossa de lhe prestar homenagens!

No seu livro *Crônicas da Minha Gente*, nosso ilustre Ivan Mariano (*in memoriam*) nos deixou deleitosa reunião de causos monte-sionenses, muitos dos quais foi testemunha ocular ou participante ativo da história narrada. No prefácio da antologia, seu neto, Pedro, termina com uma frase que, desde o momento em que a li, tem me ajudado a explicar como é Monte Sião, principalmente para os que já leram ou assistiram *Cem Anos de Solidão*, de Gabriel García Márquez: “*Faça-se Monte Sião! Mas fez-se Macondo.*”

O romance de García Márquez conta a história de Macondo, uma cidade fictícia fundada por José Arcadio Buendía e sua esposa, Úrsula Iguarán Buendía. Inicialmente um vilarejo isolado e próspero, Macondo se transfor-

ma ao longo do tempo, passando por períodos de esplendor, guerras civis, exploração estrangeira e decadência. A cidade serve como palco para a saga da família Buendía, cujas gerações repetem erros e padrões de solidão, enquanto eventos fantásticos se entrelaçam com a realidade. Macondo reflete a história da América Latina, marcada por instabilidade política, conflitos sociais e a influência estrangeira.

Ora, do que li e sei sobre a história de Monte Sião, parece-me que podemos tranquilamente traçar um justo paralelo entre Macondo e nossa terrinha mineira, como talvez já tenha antecipado Pedro em seu prefácio. Antes da história, o isolamento: a que lugar pertence a cidade? Minas Gerais ou São Paulo? Antes, pertence ao Brasil, ou (exagero poético) a Itália? Monte Sião fez-se assim, de um sopro divino sobre as águas das trevas fronteiriças, num vale encantado de terra fértil e etérea. Permaneceu por anos

isolada de caravanas: nenhuma ferrovia jamais atingiu estes solos. Minha opinião? *Nostra madre* é, ainda que simbolicamente, uma cidade-estado, conforme Grécia Antiga, ou conforme os reinos independentes italianos pré-unificação. Monte Sião é Vaticano sem Papa.

Façamos algumas comparações: ambas as cidades, Macondo e Monte Sião, cada uma à sua maneira, viveram e cresceram isoladas do mundo externo, apesar das influências indiretas. Ambas foram fundadas, de mato cortado, por desbravadores. Se naquela José Arcadio Buendía e Úrsula eram os líderes estabelecidos, em nossa terra Major Antônio Bernardes de Souza, tenente Joaquim Vaz de Lima, Francisco Rodrigues da Costa e Francisco Nogueira Bastos foram os primeiros responsáveis pela manutenção da ordem pública e administrativa. Em ambas dividiram o território de maneira arbitrária e se estabeleceram as primeiras famílias.

Se lá tiveram a epide-

mia de insônia, aqui tivemos a de tifo. Bem, ao surto de tifo bastou o ajuste sanitário municipal, enquanto à peste de insônia foi necessária a arte cigana de Melquíades. Tivemos sorte. Se lá acreditaram levemente que a Companhia Bananeira traria prosperidade, aqui acreditaram que um prefeito mandou atear fogo no abrigo de leprosos com os enfermos lá dentro.

Ambas as cidades se deslumbraram com as invenções que chegaram junto dos imigrantes: lá se maravilharam com o gelo e com a alquimia, enquanto aqui vimos chegar a eletricidade e, num piscar de olhos, o cinema e depois a televisão que iluminaram os rostos da gente simples. Tanto Macondo como Monte Sião foram palcos de batalhas: lá, uma questão político-ideológica entre conservadores e liberais, enquanto aqui tratamos de segurar os paulistas que tentavam a independência de seu estado do Brasil. Minas Gerais que nos agradeça, pois daqui,

segundo se conta, não passaram.

Em Macondo, uma mulher de beleza sobrenatural e inocência pura, chamada Remedios, um dia simplesmente ascendeu aos céus enquanto estendia lençóis, desaparecendo sem deixar vestígios. Tãmanha era sua graça que não podia morrer. Ora, o mesmo não aconteceu com tantas e tantas *nonnas* nestes solos mágicos? De bondade límpida, de cuidados belos, a nenhuma delas aceita-se a palavra “*morte*”. Prefere-se “*ascensão*”.

Em Macondo há a questão da indústria das bananas que causa riqueza e pobreza. Aqui, o café foi o fruto da vez até a chegada das malharias com seu dúbio “*progresso*”, que tanto dá e tanto tira. Ah, nem preciso falar da importância da imigração italiana em Monte Sião, certo? Para não passar despercebido, também em Macondo pisaram imigrantes italianos, num total de dois representantes: Pietro e Bruno Crespi.

Bem, como dizia o *seu*

Ivan, “para não cansar de leitura os meus dois ou três leitores mensais”, faço uma última comparação fantástica: já na parte final do livro, Macondo é assolada por fortes chuvas que duram quatro anos e nos carregam ao fim da história. Leia, se quiserem saber do fim; longe de mim estragar o desfecho de um livro tão majestoso para os leitores de primeira viagem (em verdade, de todas as viagens). Aqui, num alívio que os leitores de García Márquez entenderão, a comparação é contrastante: enquanto em Macondo por anos a chuva castigou, em nossa terrinha mágica a seca é que assolou por quase três anos a população, entre 1937 e 1939, até resolverem a situação com intervenção milagrosa da padroeira da cidade, Nossa Senhora da Medalha Milagrosa. Ufa, parafrazeando Pedro Mariano, num sentido inverso de sua frase impactante, digo feliz: podia ser Macondo, mas fez-se Monte Sião. E aqui estamos nós para contar a nossa história.

CRÔNICAS DA MINHA GENTE SOMENTE AQUI

IVAN

No dia 29 de março de 1849, quando o major Antonio Bernardes de Souza subiu a Rua Direita para fundar Monte Sião, eu também subi atrás dele e de seus companheiros. Não estava acompanhando as autoridades, claro; estava apenas ajudando o Luiz do Zé Rosa, carregando o feixe de foguetes que ele, com a tocha em brasa, ia pregando fogo a cada três vivas, em louvor do Fundador. Depois escorvava, com a unha, o depósito de pólvora socada no canudo de bambu, combustível para impulsionar os rjões, fazendo-os furar o céu com fâscas e estrondos. Nada mais bonito e entusiasmante. O Lé assustou-se com o alvoroço incomum e, por precaução, levou para dentro, que eu me lembre, o Diário, o Arão, o Ramiz e a Zoraide. O restante da filharada já estava atrás da porta, com os olhos fechados e a mão na boca segurando o grito de medo. O Atílio, com o Véio ao lado, abanava a mão pras gentes. A bigorna do Canelão parou de retinir, o Mateus saiu ao portão, trazendo a ferradura, ainda quente, presa à tenaz. Músico, o Hermínio Zucato assomou à janela, assoviando um dobrado alusivo à data, composto na hora, e

que se perdeu no esquecimento, mesmo que o Rafael Guarini tivesse orelhado a primeira parte, sem se lembrar de transportá-la para a clarineta e, dela, à partitura. Erguendo a cabeça para conseguir ângulo no bifocal, o Plácido notou a multidão crescer atrás das grossas lentes e correu chamar dona Filomena a qual ditava receita de bolo para dona Aída, que dava o laço na fita do cabelo da filhinha Tereza, que pulava de alegria, alegria que ainda tem dela, sem ser a mesma, embora. Roncando a marreta na roda da carroça do rei da Rússia, o Adolfo Canela. Juro que vi o Flívio costurando a bandeira da fundação e, aos seus pés, o Eraldo tecendo uma poesia para inscrevê-la no símbolo da cidade que vinha à luz. Na cesta do Zé Comparim, alface da sua horta; na do Edno, pão da sua padaria. O mesmo Edno que me recuso a ver, que estou cansado de doer. O Hélio da tia Francisca correu chamar o Peri – que matava palavras cruzadas – me viu e, juntos, fomos subindo. Dona Cândida gritou para o Ciro, o Ciro para o Abílio, esse para o Zanchetta, mas quem saiu foi o Tônico tocando trombone, com avental e tudo. Na falta de outra melodia que conhecesse, o Gusto Pocai cantou “Nhá

Chica refugou mangueiro, mangueiro que não tem altura”, como nunca houvera cantado antes, com a voz entrecortada pelo afiado fio da festa. Na esquina, o Artur Pennacchi admoestava o Jacob: “Farabuto, rospo, jogou, de novo, uma bombinha no meio do povo”, mas o povo ria, nascia Monte Sião. Na porta da sua loja o Bertardeli, desgrenhado, com a camisa de fora vendendo farinha, anunciava a própria morte, convidando para o enterro, amanhã, às quatro. Debruçado no batente da janela o Pedrinho Rielli sorria feliz.

Mas eu vi, também, dona Emilinha perder um filho, o marido, outro filho, outro filho, outro filho. Para consolá-la, disseram: “Deus quis”. Tudo mentira. Este Deus rancoroso e vingativo não existe. Deus não tem vontade. Deus apenas é e está. Amargurei-me quando dona Inha perdeu seu irmãozinho para o mesmo paratifo que quase dizimou a cidade; perdeu o Martinho, perdeu a filha e só não perdeu a resistência inabalável, paradigma das mulheres nobres. Perdi as forças junto à Maria Helena, a Lena, cujo filho, ao partir, não deixou lenitivo nem formas de ela se lenir. Caí com o Ferdinando, o Ney, o Zé Carlos prefeito, os Toninhos, o Co-

rão e a Suely do Décio.

Presenciei o corguinho, o do Tanque, ter seu trajeto desviado e a ponte do Pedro Turco ser tirada da rua. Arrepiei-me quando da demolição da Igrejinha do Rosário e por pouco não desabo junto ao vetusto sobrado dos Guarini. Senti medo quando o Patrimônio afundou, levado pelas águas, mostrando o seu cerne de tijuco preto. Vi o Magioli, com suas lagoas nascidas das terras escavadas pela olaria, onde as rãs, fingindo imobilidade, transformavam, com o feitiço que sabiam, os dias claros em noites de contemplação, o Magioli eu vi levantar-se em pujança, mostrar seu grito, dizer para quê veio.

Passei por mortes inesperadas, perdi cheiros de muros de taipa, me esqueci de brinquedos mortos, confundi canções de ninar e de roda, abandonei expressões significativas e que diziam tudo, desaprendi a preparar em laranjeiras, mesmo nas que facilitavam com galhos serviçais, comi manteiga da nata que minha mãe recolhia do leite. Bato nos ombros do Hermes (e, só por isso, me dou por importante), leio os edificadores deste Jornal e, por isso, conto papo. Sentado, esperei Monte Sião crescer, derramei lágrimas, mesmo que algumas supérfluas, quando dela tiraram proveito, mas virei cambota quando a ampararam. Acorri à casa da Haidée (Idê) do Harry só para surrupiar-lhes o H da hombridade – tenho vontade de me assinar Hivan; de soslaio, reparava o eterno padre Gustavo lendo seu breviário, acho que a fim de aprimorar sua man-

sidão e solidão – dois venenos se não forem absorvidos com cuidado extremo – e lamentando, com ranger de dentes, outros abusos perpetrados por quem se considerava homem de Deus e não passava de técnico da Igreja, deixando saudades do Gustavo de batina rota, do sorriso de compreensão e aceitação, do Gustavo da compaixão, pobre como se pede, rico de mãos hospitaleiras. Acompanhei todas as bandas, desde a dos Pinheiros até a da Fundação Cultural, assisti ao apogeu da nossa cultura no Teatro Santo Antônio, no Coral da Igreja, no Cine Brasil, no jogo de bocha, na Congada do Rico, no alto-falante do Jardim, nas Ave-Marias do Zé Guireli, nas declamações do Sílvio Turco, nas aulas do seu Lourenço Gottardello, li os livros do Lola. Pasmei-me ante quedas e reerguimentos, sofri uma cidade indigente e festejei o fastígio e a abundância da mesma cidade. Vi a Praça brotar e secar; presenciei o hospital escancarar as portas e, depois, fechá-las hermeticamente. Na manhã de domingo, acompanhei, com inveja de criança, a Lourdinha do doutor Jaime sendo levada por ele, pai, à Igreja, mãos dadas, visitar o Pai; ouvi o carimbo de dona Cremilda sobre o envelope, o Choque confabulando com o Ernesto, o Nicolino se deliciando com músicas eruditas, o Zote apressado para ter mais tempo para a presa; escutei a Nina chorando, o Miguel Guarini suando energia em seus discursos, em defesa de qualquer coisa; o Gino prevenindo, em

italiano mutilado, “O aroí vai subir, ãh?”, peguei seu Theóphilo flanando, o Beque limando o dia no batente da janela, segurei a grade protegendo jardim e Igreja Protestante, não gostei da fonte sem esguicho, vibrei com uma viola de cravelha soluçando pelos esconsos da Rua do Sapo.

Ao chegar ao Largo do Jardim, Major Antonio e comitiva pararam; os esperava nossa primavera, que, neste 2014, completa 100 donas Lesas. Colorida de talentos, ensinava as crianças a domesticar o infinito futuro, eternamente incerto, mas que deu certo na Monte Sião delas. O foguete do Luiz foi mais alto que o coqueiro e explodiu.

Passei por isso tudo, tudo vi, tudo senti e pouco, muito pouco, aprendi. Mas tenho esperanças de cumprir um desejo meu, desejo que provém dessas minhas vivências, vivências que diluíram Monte Sião ao meu sangue: poderei perder a vida em qualquer lugar do mundo, mas, morrer, só morrerei aqui, na minha terrinha, junto à gente que quero minha. Parabéns, minha velha abenssonhada.

Crônicas da Minha Gente – seleção de crônicas de Ivan Mariano Silva, colaborador incansável deste jornal, um dos idealizadores e fundadores do Museu Histórico e Geográfico de Monte Sião e da FCPA, que nos deixou em Agosto/2020.

N.R.: Monte Sião foi fundada em 29 de março de 1849. Esta crônica foi escrita devido à comemoração de 165 anos da cidade, em 2014.

N.A.: termo criado por Mia Couto, escritor moçambicano.

MAIS RESPEITO COM O PORTUGUÊS - NO. 77

ISMAEL RIELI

Um caniço, uma canoa;
Dentro dela eu e você.
O barco vagando à toa...

Pra que mais peixe?
Pra quê?

X X X

O benzedor Joaquim Neto, marido da Tiana Surda só andava descalço. Com catarata nos dois olhos (naquela época não se operava a vista, só se operava da pênis (apêndice: nó na tripa) e da ursa úlcera. Com vista precária, vivia a dar topadas constantes. Hoje, com problemas na vista, entendo melhor o drama do

querido benzedor agregado de nosso sítio. Meus pais eram boas pessoas. Joaquim Neto não trabalhava na roça, mas viveu muitos anos na casinha de barro bem perto da nossa casa. Um trilho ligava nosso terreiro ao terreiro do Joaquim.

Adorava Dona Beatriz, esposa do Dr.Rizzo, que toda quarta feira distribuía cestas de alimentos. Naquela época as preferências eram muito precárias e não tinham muita verba para assistência social, que ficava a cargo de algumas beneméritas como Dona Beatriz.

Muito procurado, Joaquim Neto benzia com

brasa e sempre diagnosticava: susto, quebranto, mau olhado. Joaquim Neto um homem puro e bom como muitos que vivem em rincões cada vez menos habitados por esse Brasil afora. Como toda cidadezinha que se preza, nossa Monte Sião também teve e tem seus benzedores.

A Nirde do Horácio aqui de Monte Sião derubou uma incômoda veruga de meu neto lá em Colônia na Alemanha.

X X X

Afinal

Os Estados Unidos PENSA que é o dono do mundo ou os Estados Unidos PENSAM que são

os donos do mundo. Singular ou plural?

Os Estados Unidos ESCOLHEU um doido de pedras para comandar-lhe o destino ou os Estados Unidos ESCOLHERAM um doido de pedras?

Quando, no discurso de posse, ele disse que queria a Groenlândia, o Canal do Panamá e anexar o Canadá como o quinquagésimo primeiro estado norte americano e trocar o nome do Golfo do México por Golfo da América, achei que tudo não passava de uma grande bazófia.

Não era. O cara pensa mesmo em implementar essas exóticas medidas

e mais; quer implantar a Riviera de Gaza, enxotando de lá todos os palestinos.

A Groenlândia é da Dinamarca desde os tempos dos Vikings. Agora ele a quer pra ele.

Quando construído, o Canal do Panamá, que ainda não existia, pertencia a Colômbia. Os gringos insuflaram os habitantes da região a se rebelarem e pleitear a independência com forte interferência dos norte americanos e agora ele quer o canal pra ele. Talvez pretenda repetir a dose na Groenlândia instigando os poucos habitantes da vasta ilha a um plebiscito.

Na Ucrânia deu uma guinada espetacular: bandeou-se pro lado do invasor, abandonando o invadido. Se a China invadir Taiwan provavelmente ficara com a China, espeelhando-se nela e na Rússia para abocanhar o Panamá. Entrementes, com taxas asfíxias, está balançando a economia do planeta.

Um demolidor. Um maluco com muito poder. Um perigo pro mundo.

X X X

Sentimento tão estranho

Como esse, nunca ví:
É a saudade da saudade

Que tive outrora de ti.

MONTE SIÃO, A ANTIGA CAPPELLA DOS ITALIANOS

L. A. GENGHINI

Cresci ouvindo meus tios, meu pai e o nonno Toninho Genghini dizendo que iriam, es-

tavam indo ou foram à *Cappella*, isto é, o centro do povoado aonde situa a igreja, ou seja, “um templo cristão secundário, normalmente

subordinado a uma paróquia”.

É assim que o professor Pascoal Andreia eternizou, no Hino a Monte Sião, a fundação do povoado, quando disse: “Major Antonio Bernardes de Souza, quando a primeira Capela erigiu...” Assim, a forte impressão causada pelo pequeno santuário, a capela, marcaria o imaginário do povo, especialmente os *oriundi de la bela Itália*, que mais de cem anos depois ainda se referiam a ele (agora comarca de Monte Sião), como a *Capela*.

Erigida a Capela e dedicada a Nossa Senhora da Medalha Milagrosa, cuja imagem viera da Itália, a igreja e a cidade foram cres-

cendo e acolhendo as pessoas que pelas terras da Capela, digo, de Monte Sião, resolviam se aventurar e a se fixar. Atualmente, a Cappella foi alçada ao grau de Santuário graças aos milagres de Nossa Senhora da Medalha Milagrosa e a religiosidade do povo.

É muito enriquecedor estudar a comunidade Monte-Sionense e seus legados, como prova da persistência de um povo que foi se reconhecendo nas bonanças e nas dificuldades, fazendo-se grande no limite das suas possibilidades.

Monte Sião cresceu e atualmente se iguala a qualquer outra cidade cheia de movimento, de comércio, de eventos, de disputas e de camaradagens que se revelam

nos negócios, na cultura e na religião, mas mantém, ainda, aos 176 anos de existência, aquele gostinho de misturas de culturas de tupinambás, colonizadores, mineradores e finalmente dos imigrantes, principalmente os italianos, que dão o toque de mestre cultural e emocional que tornam a cidade até difícil de ser compreendida, para quem chega pelas primeiras vezes.

Conforme canta o Hino a Monte Sião, a nossa cidade é motivo de nosso orgulho e a ela nos dedicamos, sendo Cappella ou Santuário, Arraial de Jaboticabal ou Comarca de Monte Sião!

Parabéns Monte Sião, a capela onde nossos

corações e nossas almas buscam e encontram acalanto!

Quem desejar conhecer melhor nossas origens, sugiro visitas ao Museu Histórico e Geográfico de Monte Sião, a leitura dos livros do Lola (Lourenço Gireli Jr.) disponíveis, também, no museu, a pesquisa dos autores Monte-Sionenses e seus livros disponibilizados no “Espaço Ivan Mariano Silva”, no saguão da Câmara Municipal.

Boas visitas, boas leituras e boas prosas com os mais velhos, porque se não guardamos nossas memórias logo deixaremos de existir.

Parabéns Monte Sião e até qualquer hora, pessoal!



MINHA CIDADE

cadê minha rua
que estava aqui
e não foi
a lugar algum?

minha casa
que estava ali
e seus
moradores?

cadê meu gato
o papagaio
o canário
do pessegueiro?

o tempo foi
para mim
deveras
ligeiro

até a cidade
que era minha
cheia de nós
cadê?

kuaiia

JAIME
GOTTARDELLO

Sempre no final de março, as ruas de paralelepípedo que ainda restam e as praças floridas despertam com um brilho especial. O sol parece beijar cada telhado antigo com mais doçura, e o vento sopra histórias de um tempo em que tudo começou. É a celebração de aniversário de mais um ano de nossa cidade, esse pedacinho de mundo onde os dias correm mansos e o coração bate no ritmo das tradições. Ou assim costumava ser...

Aqui, cada esquina guarda memórias. O coreto na praça já viu muitos casais trocarem olhares tímidos e crianças darem suas primeiras pedaladas. As igrejas carregam pre-

ces e esperanças, enquanto as fazendas de café ao redor testemunham o suor e a dedicação de quem ainda cultiva a terra.

A cidade festeja mais um ano de história. O cheiro do bolo caseiro se mistura ao aroma do café fresquinho, e as vozes animadas dos vizinhos se espalham como música. As bandeirinhas coloridas dançam com a brisa, e cada sorriso carrega o orgulho de pertencer a este pedaço de chão, onde todo mundo se conhece pelo nome e a felicidade mora na simplicidade. Na verdade, isso parece não se encaixar mais, mas houve tempos em que foi assim.

Nas ruas de pedra, ainda ecoam os passos apressados de quem, décadas atrás, corria para o cinema, ansioso pelas histórias

projetadas na tela. No teatro amador, a arte florescia entre risadas e emoções, trazendo vida aos palcos improvisados e atores improváveis. E quem poderia esquecer as bandas de música, que enchiam as praças com melodias que atravessaram gerações?

E havia o carnaval! Entre serpentinas e confetes, a cidade se tornava um verdadeiro reduto de alegria. Blocos coloridos desfilavam pelas ruas, embalados pelas tradicionais marchinhas e um elevado grau étlico para arrancar sorrisos iluminados em cada esquina. Era o tempo em que o coração pulsava no ritmo da festa, e a tradição se misturava à fantasia de ser feliz.

Agora, ao completar mais um ano de existência, Monte Sião continua

MECÂNICA NETOS
nacionais e importados
nacionais e importados

Fone: (35) 3465 2772

Rua Jair Zucato, 136 - Centro (Prainha)

Monte Sião - MG CEP 37580-000

Ernesto A. G. Bacellar Engº Mecânico Automotivístico

DELTA FOTO

Material Escolar e para Escritório
Suplementos para Informática
Cartuchos compatíveis e remanufaturados
Fotos 3 X 4 na hora

A MELHOR E MAIS BARATA
REVELAÇÃO ANALÓGICA E DIGITAL 24 HORAS

35 3465-3124

PAPELARIA
Mania de vender mais barato!!!

Av. das Fontes, 136-C - Monte Sião

Programe sua festa - nós temos o local!

RESTAURANTE DA LICINHA

Espaço para 250 pessoas

Km 6 da Rod. M.Siã - O.Fino -(35)3465 1355 - 9 9114 9447

NEM MINEIRO, NEM BRASILEIRO: MONTE-SIONENSE

DANILO ZUCATO ROBERT

O ser humano não pode viver sem saber onde pertence. Se ele vive assim, entra em crise existencial, e passa por poucas e boas procurando seu lugar. Muitas pessoas encontram sentido ou pertencimento na religião, outros em lugares específicos, outros em partidos políticos, times de futebol, pessoas famosas, ou infelizmente, em coisas como dinheiro, comidas, bebidas ou drogas. Acredito que este senso de pertencimento é essencial para uma vida saudável. O senso de pertencimento pode mudar conforme o tempo passa. Para uns, é sempre o mesmo, para outros, ele muda. Acredito que para muitos de nós, participantes e leitores do Jornal, Monte Sião é o local de pertencimento.

Sei que nossa cidade, como qualquer outra, está em constante transformação, e apesar de reconhecer que há mudan-

ça para o bem, também há as indesejadas. Quem viveu naquela época sempre comenta sobre a diferença da cidade após o boom das malharias. Isso eu não vivi, só observe as consequências. Aliás, nossa família viveu imersa nessa consequência, pois sobrevivemos do tricot até 2013. Hoje com trinta anos, já tenho minha parcela de saudosismo e nostalgia quando me lembro de Monte Sião dos anos 2000, claro que com a memória de infância envolvida.

Acredito que vivemos 'a ressaca do final do século XX' até metade da última década, com alguns resquícios de como era a cidade antigamente, com as festas tradicionais, etc. Mas de lá pra cá parece que a cidade mudou muito, e percebo que esta mudança, dessa vez, está arrancando raízes importantes que fizeram a cidade ser o que foi por mais de um século. Monte Sião, primeiro, foi portuguesa, mas depois, e mais re-

centemente, foi italiana, e é isso que está sendo deixado para trás, apesar de todo esforço do pessoal do Círculo Italiano e da Fundação Pascoal Andreta, por exemplo.

Mais do que minha chateação pelo fim da feira do tricot, há a chateação pelo fim da Festa Italiana. Nós devíamos transformar esta Festa em obrigação municipal, OBRIGAÇÃO. Esta festa, para muito além do turismo, nos lembrava anualmente onde pertencemos ou quem somos, relembra-nos tantos que aqui viveram e conviveram, mesmo sem citá-los pelos nomes. Somente pela música e comida típicas, a família em nossos corações voltava a ferver, acelerando nosso bom sangue quente italiano.

Culturalmente, temo que nossa cidade possa esquecer como foi, num futuro próximo. Como comecei este texto, o sentido de pertencimento das pessoas pode mudar ao longo do tempo, porém o sentido de

toda uma geração, ou de uma população, mais raramente muda. Acredito que é muito válido e bom que a cidade receba, aceite e divulgue novas culturas, como recentemente tivemos a Semana da Cultura Afro. Porém, não vejo a necessidade de substituição, mas sim de comunhão. Creio que se Monte Sião perder a essência italiana, será somente mais uma cidadezinha mineira e brasileira, e com isso, muitos de nós perderemos nosso senso de pertencimento.

Samba, axé, pagode, carnaval, Rio de Janeiro, calor, praias, dança afro, dança indígena, cavalgadas, chimarrão, boi-bumbá... nada disso faz parte do meu senso de pertencimento. É claro que respeito tudo isso e sei que para muitos é isso que os faz se sentirem parte de uma comunidade, mas para mim, não. Por isso, sempre gosto de brincar, mas com tom de verdade, e dizer que não me considero tanto mineiro, muito menos brasileiro, mas antes, monte-sionense.

DONA MARIA, DOS CACHORROS E DOS PARANGOLÉS

Que o cão é o melhor amigo do homem todos sabemos Mas quando é uma mulher que o cuida é bondade Com que se ocupa parte do tempo pelo menos Em dar amor carinhoso ao cãozinho com amizade

Dona Maria era uma senhora que estava atarefada Além dos cuidados com a casa e o marido beberrão Cuidava também de dois cães zinhos sem raça registrada Mas os tratavam com carinho muito zelo e dedicação

Mas com o tempo passando mandado embora o marido Ela aumentou a trupe com duas dezenas de cães Todos sem raça definida e com tratos merecidos Num tempo em que nem se pensava em rações

Ela tratava dos bichinhos e os levava a passear Pelas ruas da cidade e nas compras de mercadorias No açougue quando a carne ia comprar O açougueiro jogava um naco de carne e a tropa divertia

E seus amigos de quatro patas sempre a acompanhava Por onde ela ia eles seguiam num tropel cachorril Até parecia que todos sabiam que o fim do ano chegava Como crianças ansiosas pelos presentes do Natal

Como tratava dos seus animais com esmero e bondade Ela que os intrusos nem sabiam com qual renda mantinha Ela tratava com a renda de frutas que vendia na cidade Pois em seu quintal eram muitas espécies que nele tinha

Mais tarde um artista apelidou de Maria dos Parangolés No que ela nem se importou pois não deixava de ser Maria E continuava a perambular pelas ruas como quem vende picolés Bem como com seus vira-latas que a deixava com muita alegria

Mas quando um dia a morte veio buscá-la Estando no meio da sala com seu corpo gelado Seus animais de estimação estavam como acariciá-la Para que em vida teve sua vida com eles amor desvelado

(A crônica de Valdo Resende, publicada no Monte Sião, edição 626 - agosto de 2024, onde sua redação nos transporta para tempos passados quando a maioria das casas mantinha ao menos um cão ou até mesmo gatinhos)

Arlindo Bellini

DE MANGUÁ A OURO FINO, TEM UM MONTE BELO NO CAMINHO

DURVAL TAVARES

"Eu, Rey Quexoto, ainda pequenino, sofri um baque quando soube que meu avô, o Parmiro, a quem me refiro, faria um retiro lá pras bandas de Ouro Fino. Fora convidado pelo sacerdote da matriz daquela cidade a pedido do Prefeito, muito interessado em dar curso a um projeto apresentado ao povo num inflamado discurso. O plano era dar nova alma ao coral da igreja e, de quebra, implantar um coreto ao estilo daquele que tinha sido construído em Manguá. O baque foi maior ao saber que a vovó Ema, manguense da gEma, seguiria

o vovô, casal de tartarugas que eram. Acompanhei um pouco o planejamento, especialmente quando ficavam numa mesa a desenhar, a registrar onde parar no caminho. Ele seguiria (e ela o acompanharia) com seu automóvel, se assim podemos chamar, o Nash Metropolitan azul de anil, ano 53, joia adquirida de um velho amigo seu. Grande amigo! Vovô dirigia o carro por teimosia, não tinha outra explicação, tamanha confusão que fazia ao percorrer as poucas ruas da Grande Manguá, nas quais, volta e meia, se perdia. Parmiro sabia que a rota traçada não poderia distanciar-se muito das cidades porque bebia

em demasia (aqui falamos do automóvel) e, em cidades, naqueles tempos, certamente posto de abastecimento não faltaria. Na escolha do melhor roteiro usava um guia recebido no posto de gasolina da cidade, até descobrir, escondido no porta luvas do Nash, um Guia Brasil, tão raro quanto o carro. Deveriam ter desconfiado que, para chegar até Manguá, o amigo só poderia ter utilizado um bom guia ou, de outra forma se perderia pelos caminhos da vida. A rota até Ouro Fino, que eu me lembre, era mais ou menos assim: passariam por Amparo (sentiram-se amparados com isso), por Serra Negra (bem verdejante, aliás), por Lindoia e Águas de Lindoia (a canção de Zequinha de Abreu, "Tardes de Lindoia", se fez presente para aquele casal pé de valsa: "Tardes silenciosas de Lindoia/Onde o sol morre tristonho/ Tardes em que toda a natureza / Veste-se de um véu de sonho..."). Passariam às margens de Socorro (com fé, não precisariam pedir socorro a ninguém), por Monte Sião (aqui se detiveram por muito tempo) e Monte Sião os fez lembrar que, segundo lido, o nome tinha sido sugestão de missionários franciscanos que compararam o Morro Pelado com o Monte Sião de Jerusalém. Não sabiam se pela similaridade entre regiões, se pela presença de Deus ou se por ambas as razões. Religiosos que eram, colocaram essa cidade como parada obrigatória e porque sabiam que

para chegar ao destino, Ouro Fino, com a velocidade do Nash sob o comando do vovô, levariam um dia inteiro. A carroça do Zio Niba talvez chegasse antes, mas com enorme sacrifício para o cavalo Zoe.

Tudo planejado, hora de juntar os apetrechos e partir. De alguma forma (uso do orelhão?) avisaram ao reverendo Alcino, da igreja de Ouro Fino, que não chegariam lá tão cedo. Iniciaram a viagem com cara e coragem, rumo ao desconhecido (para eles, claro). A sorte é que a viagem foi tranquila, um tanto sonolenta, mas chegaram a Monte Sião, escolhida para visitar por curiosidade e por fé. Numa de suas anotações da viagem, a cidade veio assim a ser descrita pela nonna: "Se visita, se encanta e sente vontade de ficar, cantar e contar ao mundo a beleza e magia do lugar". Em Monte Sião se sentiram em casa, na verdade ficaram na casa paroquial, acolhidos que foram pelo conhecido sacerdote do Santuário de Nossa da Medalha Milagrosa, o Padre ... (Vovô esqueceu o nome de novo. Será o Benedito?). Não deu outra, o casal decidiu que ali seria um ponto de descanso, talvez não só para passar o final do dia, do dia seguinte, mas de bom tempo para visitar alguns pontos principais, como o Museu Histórico e Geográfico de Monte Sião, que no futuro poderia ser fonte de inspiração para o nonno. O Nash era sedento por gasolina e o

casal por conhecimento. Na manhã seguinte, caminhando ao sabor do vento, ouviram, vindo dos muros de uma escola nas cercanias da igreja, sem que soubessem de que se tratava, o som do Hino de Monte Sião que, naquele dia 29 de março de 1962, completava seus 114 anos de fundação, com uma população de aproximadamente 7.000 habitantes. Maestro Parmiro, de pronto, percebeu tratar-se de um hino e, sem sombra de dúvidas, de hinos muito bem entendia:

"Entre serras, colinas e regatos, / Num panorama, vivo, loução, / Ergue-se bela, pujante/

E dominante, / A operosa / E dadivosa / Monte Sião...". E era mesmo o que não imaginavam.

E a nonna, a cada metro que pelas calçadas andava, mais se encantava com vitrines coloridas, repletas de malhas de tricô. Mal sabia que, um dia, Monte Sião seria conhecida com a Capital Nacional do Tricô. Maravilhada, passou a entrar de loja em loja sem parar e sem parar de admirar cada peça que via. Tinha que comprar "vestiti" para ela, para o nonno, para diversas pessoas queridas de Manguá, entre elas, eu, quexotinho e meus irmãozinhos, com certeza. Ainda que o nonno apreciasse as lojas, preferiu dar voltas na Praça Prefeito Mário Zucato* e nela ficou a admirar as esculturas em topiaria (obras nos arbustos e árvores em formato de belos objetos e animais). Estava conversando com os italianos

Fulano, Beltrano, Sicrano, Elano quando, perto daquele pé de Ipê Amarelo, chegaram músicos em turma, bons de prosa, os cantantes João Gibão*/flautista e Zé Vaz*/violonista, Zico Tropeiro* com seu violão, Romildo Labigalini* e seu clarinete, juntos ao violonista seresteiro Ivan Mariano*. O nonno até pensou em convidá-los para melhorar o nível de sua Banda Manguacinos, mas (sempre tem um mas e, no caso, a distância entre Monte Sião e Manguá era a razão). Papo vai, papo vem, não demorou muito a saber que a arte na praça era produto do talentoso e caprichoso jardineiro italiano Estevam Comune*. De seu lado, a vovó Ema falava muito com Dona Ivone*, Dona Nenê*, Dona Adalgisa* e Dona Gi*, delas todas conhecida por ter cantado de improviso no Santuário cheio de graças. O certo é que meus avós ficaram apaixonados pela cidade e pelas amizades iniciadas. Tanto que o compromisso em Ouro Fino, por mais um bom tempo, caiu no esquecimento. *Un buon motivo per dimenticare.*

(*) personagens importantes na história da cidade.

Até o fechamento deste artigo, meus avós ainda permaneciam em Monte Sião."

.....
Encontrei a escritura acima no famoso baú/balaio de gato do R.Q.

Sembra uma coincidência, perché marzo è il 176° anniversario del Monte Sião. Felicitazioni!

AMIGO GENGHINI

Ele é da acolhedora Monte Sião (MG),
Terra de desbravadores italianos,
Eu sou de Aliança/Mirandópolis (SP);
Terra de bravos imigrantes japoneses.

O destino nos trouxe a São Paulo,
Uma forte amizade nasceu;
Com brilho nos olhos,
gestos de afeto e gratidão.

Não dá para disfarçar
essa amizade verdadeira
Sejam italianos ou japoneses;
Unidos pelo amor e coração.

"Se você é um vencedor, terá falsos amigos e inimigos verdadeiros.
Vença assim mesmo". - Madre Teresa de Calcutá

Yoshiharu Endo

SUPERMERCADO SHIMODA

Onde seu dinheiro compra mais

Avenida Brasil, 205 - Fone 35 3465-1300
Rua Tancredo Neves, 300 - Fone 35 3465-1175
Monte Sião - Minas Gerais

Supermercado e Casa de Carnes

Oliveira

A melhor carne da região!

Pça. Renato Franco Bueno, 80 - Centro - Monte Sião - MG - Cep 37580-000

(35) 3465 1817 / 3465 2109

MAZA
PNEUS

ALINHAMENTO E
BALANCEAMENTO DE RODAS,
ESCAPAMENTOS,
AMORTECEDORES, BATERIAS

RUA CELSO SEBASTIÃO SIMONETI, 38
(ANTIGO MATADOURO) 3465-5463

MONTE SIÃO

Lembra-me amigos
que tive e tenho
um punhado de tesouros
e estórias
reliquias inesquecíveis
depositadas invisíveis
no santuário sagrado
da memória

Lembra-me infância
e sua magia
salpicada de sonhos
e fantasias

Lembra-me saudade
do original retrato
que com traço e trato
o tempo retocou
e manteve o encanto

Lembra-me partida
e despedida
dupla rimada
de dor tamanha
ferida e cicatriz
que ao partir
se ganha

Lembra-me sobretudo
contentamento
só de lembrar
que minha terra
é minha
não importa quanto

Popo de Sião
28/10/1999

BABBO (PAI)

Olhar pela janela, sufocando a saudade
À espera de que, a qualquer momento, ele vai chegar.

Respirar fundo, mitigar a dor no peito,
Fechar os olhos e viver de recordar... cacós do passado!

Amar, mais uma vez, mesmo que em ilusão
E caminhar no tempo, aos vinte anos... só paixão.

Prender a lágrima e sufocar o suspiro
Porque ele se foi e não vai voltar.

A vida tem magias e feitiços,
Então, ele se foi em busca do infinito,
Com a tranquilidade de quem volta ao pai.
Ao som de Tristeza do Jeca e de aplausos
dos amigos!

(O Babbo, Sebastião Aparecido Genghini,
partiu em 19/04/2023, há 2 anos)

L. A. GENGHINI

MINEIROS! DE MONTE SIÃO

VALDO RESENDE

Para gente como eu, mineiro fora de Minas, chega a ser irritante ouvir de um indivíduo de outras terras que ele conhece muito bem Minas Gerais. A primeira vontade que dá é de mostrar o quanto o dito cujo desconhece: “Dos 853 municípios, o senhor já visitou quantos mesmo?” Pior, muito pior é vir, junto com a manifestação da suposta familiaridade, uma exibição ordinária do sotaque mineiro. Com frequência, a gente percebe que quem supostamente nos imita conhece tanto Minas quanto leu Guimarães Rosa.

Convenhamos, para conhecer Minas não é necessário esmiuçar um lugar feito busca de agulha em palheiro. Nem visitar as oito centenas de municípios. Primeiro e fundamental é conhecer, ou reconhecer um mineiro. Um mineiro de Monte Sião, por exemplo, como o Luiz Antônio Genghini. Embora seja de pertinho do estado de São Paulo, no sul de Minas, nos reconhecemos mineiros foi numa sala de professores. Não uma sala qualquer, mas uma Babel onde frequentavam cem, cento e tantos professores. Difícil!

Professores adoram falar. Por força da profissão falam alto. Como todo ser humano, entre seus assuntos preferidos está espinafra o político da hora, comentar o futebol e, tema principal, falar de alunos. Ranzinza de nascença, meu péssimo humor é bem conhecido. A cara fechada me isolava nos intervalos, ou antes do início das aulas. Volta e meia alguém ignorava a cara feia e o bom papo acontecia.

Mineiros são atentos, são ouvintes. E não consigo precisar quando um conterrâneo se aproximou com saudação familiar. “Fala, mineirim? Tudo bem com você?” Caro leitor, perceba o detalhe explícito na saudação. A redução do mineirinho não vem acompanhada de um “cocê”. Sutilezas! Obviamente, longe das nossas montanhas, na Babel dos professores, a pergunta seguinte foi a famosa “de onde você é?”, ficando reconhecidas as regiões: o Sul de Minas e o Triângulo Mineiro. Sou de Uberaba.

Graças a Deus, Luiz Antônio Genghini é de Monte Sião. Explico, outro professor que conheci na mesma sala, também nascido em Uberaba, antes de nada indagou: “De qual família você é?” Quem nasceu na minha

terrinha sabe, conforme o tom dado pelo sujeito, que tal questão implica saber se você tem ou não dinheiro, se você é ou não membro daqueles que trouxeram o gado zebu para o Brasil. Ranzinza, e com dez pés contra discriminações monetárias, me limitei a um “Orleans e Bragança”. Com Luiz Antônio, a conversa foi para programas de rádio, música caipira, poesia, peças de teatro, livros e mais livros, e jornal. Principalmente este Jornal de Monte Sião. Perceberam a diferença? Luiz é para ser colocado na categoria de amigos, os que dividem e compartilham o melhor que a vida pode nos propiciar.

Convivemos alguns anos sem saber muitos detalhes pessoais. Isto, fundamental, porque mineiro não é entrã. Essa expressão maravilhosa com a qual identificamos pessoas bisbilhoteiras, invasivas, inconvenientes, enxeridas. Foi trocando cumprimentos, alguns comentários pertinentes ao momento, que fomos nos tornando amigos. Devagar e sempre.

Apaixonado e orgulhoso da própria terra, Luiz Antônio volta e meia assinalava: “Você precisa conhecer Monte Sião! Como você ainda não conhece?”. Duas outras particularidades evidenciam outra característica fundamental: o mineiro ama e tem orgulho da própria terra. Há os que precisam sair de lá, da terrinha, por mil, duzentas e setenta e cinco razões. Todos esses carregam no corpo e na alma a saudade impressa, tatuada, engasgada.

Não me recordo de quando o Luiz me falou pela primeira vez no Jornal de Monte Sião. E, péssimo, também não sei precisar a data de quando me convidou para colaborar com o periódico enviando contos e crônicas. Eu, que sou da Geração Gutenberg, tenho paixão por jornal, revista, livro. E como pretendo escritor, toda oportunidade que aparece de publicar me honra e faz feliz. Encaminhei um, dois, um monte de textos que vêm sendo publicados aqui. Sempre grato!

Quero deixar claro aqui não só a cordialidade (mais característica de mineiro), mas a atenção e o cuidado do Genghini. Não foi um convite dos muito típicos por aí que não significam absolutamente nada. Sabe, aquele “a gente se vê por aí”? O convite para o Jornal vindo do Genghini significou, desde

então, que mensalmente nos comunicamos, acertamos detalhes. Encontrei no Jornal de Monte Sião um grupo de pessoas que escreve, gosta de ler e celebrar a alegria de um encontro impresso. Nós, mineiros escritores, nos encontramos nos causos, crônicas, poemas e temos prazer em ler o que cada um anda escrevendo.

A princípio, junto com Luiz Genghini, vieram outros nomes, sim, apenas nomes. Por muito tempo só conheci a gente de Monte Sião através da leitura mensal do jornal. Não há como deixar de registrar um escritor de primeiríssima, Ivan Mariano Silva, que só conheço das letras. Falecido em 2020, Ivan é publicado regularmente no Jornal de Monte Sião, pois seus inúmeros textos sempre nos encantam e emocionam. Lamento muito pelo Brasil não conhecer as crônicas que ele nos deixou.

Fui visitar Monte Sião, a cidade, só no ano passado. Anualmente há um almoço de confraternização dos colaboradores e Genghini me convidou uma, duas vezes. Na terceira vez, não ir já seria desfeita (coisa de mineiro), e mesmo desconfiado, fui. Sim, mineiro é desconfiado. E cauteloso! O Genghini é legal, mas e essa gente que eu não conheço? “Eu te levo, mineirim. Vamos!”

O “levo” de mineiro implica que o anfitrião passa, por exemplo, em uma padaria para levar pão italiano para o almoço, e ou parar na estrada e comprar café diretamente do produtor. Torrado e moído pelas mãos de quem está vendendo. E eu, já à vontade com meu amigo, falando “mais que o homem da cobra”, ainda estava receoso. “Sou tímido. Não me deixa sozinho no meio de muita gente, por favor”.

Só então, ao chegar para o almoço em Monte Sião, me dei conta de que os presentes não eram pessoas comuns. Eram mineiros! Ou seja, fui recebido com a cordialidade ímpar que nos caracteriza. Para quem não entende como funciona, significa que cada um dos presentes me cumprimentou, veio conversar um pouco, brindar à vida e à amizade. Um encontro entre mineiros implica em que há conversas em pequenos grupos, ou dois a dois e, quando todos se reúnem em uma única mesa há o que, pessoalmente, denomino comunhão mineira. Um fala, todos escutam; e fala vai para o outro, todos se

viram para esse e assim vai, com seriedade, com piada, com brindes. Nessa tal mesa estão pessoas distintas, de diferentes idades, diferentes origens. Todas interessadas umas nas outras.

O cara que pediu pra não ficar sozinho, novamente ficou “falando mais que o homem da cobra”. E lamentei quando o encontro terminou. Fui visitar outros lugares, conhecer chácaras, a cidade próxima, visitar amigos e a família do Genghini. Ficará na minha memória, enquanto essa não me falhar, o momento em que a mãe de Genghini, Dona Cacilda Bressan me benzeu. As ervas do quintal, a fé ancestral que nos guia e nos melhora por inteiro. E trouxe água benta para completar o tratamento em casa. Mineiros são assim.

Monte Sião faz aniversário neste mês. Não serei eu a falar do que conheço pouco. A história, as particularidades geográficas, os recantos poéticos, as personalidades da cidade que ganharam o mundo, como Oscar (José Oscar Bernardi), aquele da Seleção da Copa de 1982, que fez gol de cabeça contra a Escócia. Melhor é falar das pessoas que conheci através do Genghini e que formam, em si, a melhor imagem de Minas, o melhor retrato de um mineiro.

Meu amigo Genghini deu-me um presente imenso. Estar entre os autores de Monte Sião, conversar com meus conterrâneos mensalmente. Um contato que me possibilitou entender com maior clareza que, acima de tudo, um lugar é feito da gente que nele habita. São pessoas que significam, dão significado às cidades, ao estado, ao país. A gente de Monte Sião reverencia seus ancestrais (e a ligação do meu amigo Genghini com a Itália é assunto para outro texto!), respeita o conhecimento de cada um, tratando todos com educação, cordialidade e cortesia.

Eu não conheço toda a Minas Gerais. Mas eu conheço o Luiz Antônio Genghini e, através dele, a gente de Monte Sião. Um presente e tanto! Agradeço. E, para quem quiser conhecer Minas, recomendo Monte Sião. É logo ali! Com sorte, a pessoa encontrará o Genghini e terá mais um amigo, um grande amigo. E poderá dizer que conhece um mineiro.

NOTA: Este texto é dedicado ao Genghini e aos meus amigos do Jornal de Monte Sião, em especial ao Zé Ayrton e à Alessandra Mariano.

CARNAVAL O ANO TODO

LEONARDO
LABEGALINI

A cafeteria estava mais silenciosa do que de costume naquela manhã. Talvez fosse o efeito do pós-carnaval, quando as ruas que dias antes estavam tomadas por música, brilho e alegria voltavam à rotina habitual. Téu entrou no local e encontrou o Líder Inspirador na mesa de sempre. Ele segurava sua xícara de café com a tranquilidade de quem já sabia que uma conversa interessante estava prestes a acontecer.

— Como foi o carnaval, Téu? — perguntou o Líder, sorrindo.

— Foi incrível! — respondeu Téu, animado. — É impressionante como nesses dias as pessoas parecem diferentes. Todo mundo se solta, ri mais, se permite brincar, aproveitar o momento. O clima de alegria é contagiante.

O Líder Inspirador assentiu.

— Interessante, não é? Durante o carnaval, as pessoas liberam uma energia especial, como se finalmente dessem permissão a si mes-

mas para viver com mais leveza. Mas já percebeu que, assim que os dias de festa terminam, essa leveza desaparece e tudo volta ao normal?

Téu ficou pensativo.
— É verdade. Parece que a alegria tem data para acabar. A rotina volta e, junto com ela, o estresse, a pressa e a seriedade de sempre.

O Líder Inspirador pousou a xícara na mesa e disse:

— Mas quem disse que precisa ser assim? Quem determinou que só podemos viver essa alegria durante quatro dias no ano?

Téu franziu a testa. Nunca tinha pensado nisso dessa forma.

— Está me dizendo que podemos levar o espírito do carnaval para o resto do ano?

— Exatamente, Téu. O que acontece no carnaval é que as pessoas entram em um estado de liberdade, de brincadeira. Elas resgatam algo muito importante: a conexão com sua criança interior. E esse brincar, essa leveza, fazem um bem imenso para a saúde mental.

Téu refletiu. Nos dias de festa, ele realmente se sentira

mais leve, menos preocupado com os problemas do dia a dia.

— Mas como trazer esse espírito para o resto do ano? A rotina, os compromissos e as responsabilidades acabam pesando.

O Líder Inspirador sorriu.

— Ninguém está dizendo para sair por aí fantasiado ou dançando o tempo todo. O ponto não é o carnaval em si, mas a liberdade que ele proporciona. O que impede você de viver momentos de diversão e leveza ao longo do ano?

Téu coçou a cabeça, pensativo.

— Acho que nós mesmos nos limitamos. Criamos essa ideia de que precisamos ser sempre sérios, sempre produtivos, e deixamos o lado lúdico de lado.

— Exatamente — confirmou o Líder. — Mas essa descontração e essa capacidade de brincar são fundamentais para o equilíbrio emocional. A criança interior que vive dentro de nós precisa disso para se manter viva. E quando ignoramos esse lado, acabamos nos tornando rígidos, cansados e até infelizes.

Téu sorriu, compreendendo a mensagem.

— Então, se eu quiser manter o carnaval dentro de mim o ano todo, preciso trazer mais momentos de brincadeira para a minha vida?

— Sim! — respondeu o Líder. — Pode ser através de um hobby, de uma dança no meio do dia, de uma conversa mais descontraída, de um momento de bobeira com os amigos ou até mesmo de rir de si mesmo. Pequenos gestos de leveza fazem uma grande diferença.

Téu olhou para fora da cafeteria, observando o movimento das pessoas apressadas pela calçada.

— Acho que muitas delas se beneficiariam de um pouco mais de carnaval no dia a dia.

O Líder Inspirador riu.

— Com certeza, Téu. Então, que tal começar por você? Seja o primeiro a trazer essa leveza para o ambiente ao seu redor. A alegria é contagiosa, assim como no carnaval.

Téu pegou sua xícara e levantou um brinde simbólico.

— Ao carnaval o ano

todo!

O Líder Inspirador sorriu e retribuiu o gesto.

— À leveza da vida!

E, com isso, Téu saiu da

cafeteria decidido a carregar consigo um pouco mais do espírito de festa, não apenas em fevereiro, mas em todos os dias do ano.

A CIDADE

J. CARLOS GROSSI

Minha cidade já não é minha, as ruas, becos, o jardim de nossos encontros e desencontros e o riozinho de lambarris.

Nem sei mais o nome dos vizinhos, paideiros, alfaiates e dos espetaculares loucos da cidade que até hoje complementam minhas histórias.

E amargura-me a memória dos amigos que se perderam nas distâncias e dos outros que o destino foi curto, conclusivo, irrevogável.

A cidadezinha que

cabia em minha mão, vazou-me pelos dedos e cresceu pelas bordas, subiu pelos morros e encobriu a imensidão do horizonte.

Minha cidade que já não é minha, é de todos, também dos outros que vieram de longe fartar-se de seus encantos, lucros e tesouros.

Melhor assim que a vida sempre procura um jeito de se refazer, encontrar rumos, curar-se, envolver-se em novos encantos e paradigmas.

Melhor assim que também já não sou o mesmo.

A ARTE DOS ENCONTROS LABEGALINIS/LABIGALINIS

ANDRÉIA CRISTINA FREGATE BARALDI LABEGALINI

Em 2010 meu sogro, Gentil Aparecido Labegalini, foi morrer com Deus. Não imaginávamos que esse dia de despedida estava tão próximo.... Esse fato fez com que pensássemos e repensássemos a respeito da brevidade da vida e em como gostaríamos de ter encontrado mais vezes os nossos familiares, em como ele mesmo teria gostado de encontrar mais seus próprios irmãos, cunhadas, sobrinhos, tios, primos, etc.

Decorrente dessas reflexões, já em 2012, meu esposo, Sérgio Luís Labegalini, decidiu que deveríamos organizar um encontro da família, aquele que consideramos nosso 1º Encontro. Convidou seus primos mais próximos e alguns poucos recentemente descobertos (de Minas e Paraná: Romildo, Nilza, Mársio, Meire, Janice e Tidinho), a ideia não era de um evento grandioso, mas acontechante, para colocarmos a conversa em dia e fazermos aquela roda de cantoria... Mi-

nhas cunhadas Selma e Suely organizaram o Encontro em Parapuã-SP, na Fazenda Ponteiro (cedida carinhosamente pelo cunhado Valdir), cuidaram de todos os aspectos materiais e nós, o Sérgio e eu, ficamos encarregados de ações de acolhida e apresentação dos parentes presentes. O Mársio apresentou a história da origem da família, desconhecida por nós...

Com fotografias que foram trazidas, descobrimos até mesmo que houve casamentos entre dois irmãos e duas irmãs, unindo Labegalini a Righeti. Nossos filhos conheceram os filhos dos primos e criaram laços, se comunicam e se visitam até hoje!

Passados três anos, já em 2015, o Sérgio sentiu uma necessidade imensa de organizar outro encontro, nosso 2º Encontro da Família. Alugamos uma chácara em Marília-SP, onde foi possível hospedar muitos dos participantes. Não conhecíamos a maior parte daqueles que vieram, mas passamos três dias nos conhecendo, conversando e nos

apaixonando fraternalmente. Sinceramente, quando olhamos as fotos do nosso álbum entendemos porque tínhamos que nos encontrar: momentos de alegria, risadas, brincadeiras, cantorias, danças, o amor saltando aos olhos... E depois, muitas despedidas, algumas inimagináveis... Nosso maior conforto foi ter proporcionado o Encontro onde, sem querer, eles e nós pudemos nos despedir.

O 3º Encontro (2018), realizado em Minas, foi maravilhoso!!!! Participamos como convidados e fomos tão carinhosamente recepcionados que estreitamos nossos laços. Já voltamos lá, apenas para visitar. Não tem jeito, o elo já existe!!!

Assim chegamos ao 4º Encontro, realizado em 02/03/2025, em Kaloré-PR. Muito bem organizado e realizado... Um dia inteiro de festa, com a necessária história (para que as gerações mais novas a conheçam), muitos abraços, risadas, conversas, danças, músicas (o meu esposo principalmente), músicas e até mesmo

um show de músicas italianas!!!

Justiça seja feita, em todos os encontros a comida sempre foi a melhor!!!! Nossos especiais agradecimentos a todos, em especial aos cozinheiros e cozinheiras!!!

Ao conhecer a história dos antepassados e a história dos Labegalini/Labigalini atuais, percebemos o quanto a garra, força, coragem, determinação e força empreendedora conti-

nuam em nossos genes.... Alguns ainda migram e muitos ainda migram, por motivos diversos, mas sempre fortes e corajosos! Todos vencem o medo do novo, abraçam a mudança e dão o seu melhor, ao construir suas histórias. Ao terminar nosso 4º Encontro descobrimos a presença de familiares de mais de quarenta cidades, cinco estados brasileiros e quatro países!!!

Assim concluo afirmando

que proporcionar, organizar, participar ou simplesmente nos encontrar, é um ato de amor fraterno, de abrir-se. Ao encontrar nossos primos, é como se nossos pais ainda estivessem aqui e pudessem se encontrar. É a oportunidade de não deixar a vida passar sem viver momentos especiais com a nossa grande família!

Até nosso próximo Encontro!!!



Encontros da Família Labigalini/Labegalini: O 1º Encontro da Família foi em 2012, em Parapuã-SP, o 2º foi em Marília-SP em 2015, o 3º aconteceu em Monte Sião-MG e o 4º e último encontro foi em Kaloré-PR, no Domingo de Carnaval de 2025.

ORIGEM DA FAMÍLIA LABIGALINI

JOSÉ AYRTON LABEGALINI

A Família Labigalini originou-se na primeira metade do século 19, na Comunidade de Vobarno, Província de Bréscia, na Região da Lombardia, no Norte da Itália. Vobarno nos dias de hoje tem quase 7.500 habitantes, uma Monte Sião dos anos 60.

Do patriarca da família, crescido em um orfanato onde recebeu o nome de Luigi Labigalini, casado com Lucrezia Pellizzari, nasceram nove filhos: Giovanni, Tomaso, Luigi Felice, Angelo, Giuseppe, Domenica, Margherita, Lucrezia e Maria. Por problemas de crise econômica na Europa, vários desses filhos emigraram da Itália.

Em 16 de abril de 1895 desembarca no porto do Rio de Janeiro Luigi Felice Labigalini com sua esposa Lucia Crescimbeni e três filhos: Hermínio (8 anos), Elias (4 anos) e Vitorio (1 ano); depois de passar pela Hospedaria do Imigrante em maio do mesmo ano, em São Paulo, veio se estabelecer no Município de Itapira, Estado de São Paulo.

Em 1909, incentivado pelos parentes que não emigraram, a família volta para a Itália, mas agora com mais três filhos: Primo, Batista e Antônio. Em 1913, a família de oito membros volta em definitivo para o Brasil, para a mesma região de Itapira, mas a mãe vem grávida do Último, completando a prole da terceira geração do ramo de Luigi Felice. De Itapira, a família se transferiu para a cidade vizinha de Jacutinga, nas proximidades da fronteira com Monte Sião, no Sul

das Minas Gerais, próximo ao Morro da Forquilha, hoje conhecido como Bairro do Bengaline.

Esses sete netos cresceram e também constituíram suas famílias, gerando parte da quarta geração de bisnetos. Nas décadas de 1940 e 1950, netos e bisnetos de Luigi Labigalini migraram do Bairro do Bengaline para as cidades vizinhas de Monte Sião e Jacutinga e se espalharam. Muitos foram para o Norte do Paraná, e já em 1949 alguns Labegalini estavam empenhados na instalação da Vila de Kaloré. A família cresceu e se espalhou por vários estados e dezenas de cidades brasileiras.

Considerando-se todos os filhos do casal Luigi Labigalini e Lucrezia Pellizzari, cinco homens e quatro mulheres, quase todos emigraram da Itália. Dos homens, o Giovanni permaneceu na Itália, mas os outros quatro (Tomaso, Luigi Felice, Angelo e Giuseppe) vieram para o Brasil; das mulheres, a Lucrezia (casada com Giuseppe Manovali) foi para a Argentina, enquanto que a Domenica (casada com Antonio David), Margarina (casada com Giuseppe Viani) e Maria (casada com Giovanni Tiboni) foram para o Estados Unidos.

Hoje temos descendentes da Família em vários países, mas o sangue de segunda geração esteve apenas no Brasil, nos Estados Unidos e na Argentina, além da própria Itália.

Também hoje já temos descendentes até de 8ª geração, com as cinco últimas delas espalhadas pelo mundo. Mas o nome da Família La-

bigalini (e suas variações) se concentram basicamente no Brasil. Na Itália tem Labigalini na Província de Bréscia (Região da Lombardia), na Província de Gênova (Região da Ligúria) e na Província de Trieste (Região de Friuli Venezia Giulia).

Na Argentina deve ter sangue Labigalini na família Manovali, enquanto que nos Estados Unidos tem sangue Labigalini nas famílias David, Viani e Tiboni.

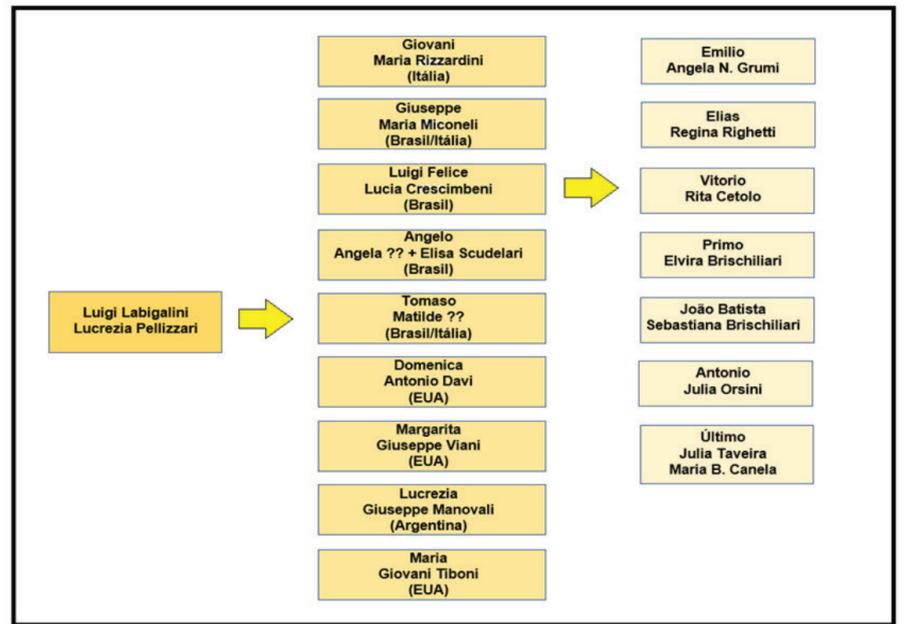
O nome original da família é Labigalini. Para todos da família, embora seja um nome comprido com 10 letras, é muito fácil de se pronunciar e de se escrever, mas o mesmo não acontece com interlocutores, que sempre perguntam se tem letras dobradas ("l" ou "n"), se no final é "e" ou "i", etc.; como resultado, e por sucessivos erros cartoriais, apareceram variações oficiais: Labegalini (a grande maioria) e Labeghaline, e com certeza deve existir Labigaline e Labegaline. Outra versão oficial, surgida por derivação e criada pelo IBGE, é o nome do bairro de Jacutinga onde a família se instalou, que oficialmente é denominado de Bengaline.

Nomes oficiais à parte, outras grafias apareceram, tais como: Labegalin, Labeghalini, Labergalini, Lagabelini, Laghebalini, Rabegalini, etc. Em termos de apelidos, o mais comum é Labega, mas também tem (ou tiveram) Lamborguini, Labudegalini, Lambegalinha, ...

Sejam nomes oficiais, não oficiais ou mesmo apelidos, fazemos parte de uma mesma família, caracterizada pela união no amor, pela proteção de Nossa Senhora e pelas bênçãos de Deus.



Correlações entre o Brasil que é dividido em Estados, estes em regiões e estas em cidades, com a Itália, que é dividida em Regiões, estas em Províncias e estas em Comunas, cada um(a) com sua bandeira e brasão, quando existentes.



Árvore genealógica parcial da Família Labigalini, que inclui por completo a 1ª e a 2ª gerações e os filhos de Luigi Felice Labigalini, que são da 3ª geração.

VAI FICAR PARA SEMPRE NA NOSSA HISTÓRIA!

ARISTIDES LABIGALINI

Com referência ao ENCONTRO DA FAMÍLIA LABIGALINI/LABEGALINI realizado no dia 02/03/2025 em Kaloré, no Paraná, tenho enorme prazer em relatar minhas impressões e comentar alguns destaques deste evento maravilhoso em termos de organização, confraternização e diversos fatos marcantes do encontro das famílias.

1) Em primeiro lugar, esperava-se cerca de 150 pessoas no evento e surpreendeu o número de participantes de 300 pessoas, representando 70 famílias, incluindo 2 pessoas que vieram da Califórnia – EUA e uma pessoa que veio da Itália. As famílias vieram de 42 cidades do Paraná, Minas Gerais, São Paulo, Mato Grosso do Sul e Santa Catarina.

2) Outro fator decisivo e marcante foi o trabalho incessante e maravilhoso

da equipe que organizou o evento, dedicando muito tempo precioso, com enorme espírito de dedicação, competência e paixão para proporcionar um evento perfeito. Parabéns a todos!

3) Podemos destacar a beleza presente na vontade genuína da confraternização entre as famílias. Muitos casos de famílias que há mais de 10 anos não se viam e vários casos de famílias que nunca se encontraram até este evento.

4) Participação de muitos jovens (4ª e 5ª geração) com demonstração de interesse no conhecimento da história dos Labigalini e Labeghalini, buscando assimilar as qualidades e bons valores das diversas famílias.

5) Vale destacar também um fato muito positivo dos mais jovens, decorrente da oportunidade de encontrar, conversar e conhecer melhor os parentes. Muitos se pronunciaram no sentido de, conhecendo exemplos

de trabalho, honestidade, religiosidade e outros valores vividos pela 2ª e 3ª gerações, manifestaram a vontade de assimilar as boas qualidades e retomar relacionamentos entre as suas famílias.

6) Finalmente, como surpresa super agradável na parte final do evento, o Marcio Labigalini (Monte Sião) nos brindou com um show fantástico da Banda Azzolini, com belíssima apresentação das irmãs Thaina e Thairine.

Em resumo, o nosso ENCONTRO FAMÍLIA LABIGALINI/LABEGALINI foi maravilhoso e inesquecível quanto à ótima organização, confraternização, lembranças do passado (matar saudades) e conhecimento da história de cada família. Um dia de convívio num ambiente agradável de descontração, música e diversão.

Vai ficar para sempre na nossa história!

SUPERMERCADO SHIMODA
Onde seu dinheiro compra mais
Avenida Brasil, 205 - Fone 35 3465-1300
Rua Tancredo Neves, 300 - Fone 35 3465-1175
Monte Sião - Minas Gerais

Supermercado e Casa de Carnes
Oliveira
A melhor carne da região!
Pça. Renato Franco Bueno, 80 - Centro - Monte Sião - MG - Cep 37580-000
(35) 3465 1817 / 3465 2109

MAZA
ALINHAMENTO E BALANCEAMENTO DE RODAS, ESCAPAMENTOS, AMORTECEDORES, BATERIAS
PNEUS
RUA CELSO SEBASTIÃO SIMONETI, 38 (ANTIGO MATADOURO) 3465-5463

MOMENTOS QUE FICARÃO PARA SEMPRE NA MEMÓRIA

CLEUSA DERETTI
E A FLHA, BIANCA

É gratificante poder participar deste momento e poder homenagear nossos entes queridos que deixaram marcas profundas em nossas vidas.

É muito fácil falar da Lisa**. É assim que a chamávamos... Minha mãe conta que eu ouvia a vó Rita num período que ficou em casa, chamar a Elisa de Lisa. E assim permaneceu. E mais tarde, de Lisa passou para Bisa. A Liza foi um presente de Deus na vida da minha mãe (Cleusa) e em nossas vidas. Foi mãe, madrinha, tia, sogra, comadre, avó, amiga.

Foi uma pessoa maravilhosa, sempre pronta a acolher. Boa ouvinte... ouvia mais do que falava. Mas suas palavras continham sabedoria. Amorosa... amava as crianças. Sensível, chorava fácil. Independente... adorava viajar, ir

para Marumbi nos encontros com as amigas. Vaidosa... Os cabelos sempre pintados, as unhas esmaltadas e sobancelhas feitas. Elegante no vestir... sua marca registrada eram os lenços, os cintos e as bolsas.

Adorava uma caipirinha. Nos almoços de família, ou no pesque e pague, não podia faltar. Temos muitas e boas lembranças e momentos marcantes com ela. Um dos momentos marcantes e especiais da minha mãe com a Lisa eram os cafés da tarde, entre 15 e 16 horas. A mesa sempre estava arrumada e acompanhada dos netos que ela cuidava. Ou da vizinha. Ou só as duas, que sentavam e tomavam o café. Momento único delas que até hoje a mãe cultiva.

E como esquecer quando ela pegava um dos bisnetos no colo e dizia "Sabia que eu te adoro?" Ou quando em outros

momentos repetia com carinho: "Fica sempre pequenina, como agora sempre assim, quanto mais tu cresces menina, mas tu se afasta de mim". Gratidão eterna por todos os momentos junto dela.

***Lisa – Elisa, uma das 9 filhas do Vitória Labigalini.

"Inesquecível! Celebrar os 130 anos da família Labigalini foi reviver nossas raízes, nossa história e todo o amor que nos une. Que privilégio estar presente em um encontro tão especial, com tanta gente querida e momentos que ficarão para sempre na memória. E o que dizer das cantorias italianas? Simplesmente emocionantes! Gratidão eterna por fazer parte dessa linda trajetória."

Com carinho Bianca, Fabian, Laura, Cleusa e Valdemar

A HOMENAGEM DE TEREZA CRISTINA PARA A MÃE, MARIA

TEREZA
CRISTINA

Tereza Cristina, filha de Maria Labigalini, filha de Vitória e Rita, que casou com Pascoal Pianez em 1943, em Jacutinga –MG. Dessa união nasceram seis filhos: Maria Julieta, José Vitório, Maria Lúcia, Antônio, Tereza Cristina e o natimorto João Batista.

Morávamos em Jacutinga e viemos para o Paraná em 1955. Ficamos morando em Marumbi, na casa da Vó Rita, até a construção da nossa casa em Kaloré, onde permanecemos até 1965. E mudamos para Apucarana em 1966.

O papai, então, nessa época, trabalhava com cereais e infelizmente, sofreu um acidente e faleceu. Mudamos, então, para Jandaia do Sul, porque a Julieta, já casada, morava em Jandaia.

Nossa vida não foi fácil. Toda a família ajudando na sobrevivência.

Julieta em Jandaia. Zezinho, casado com Vera, foi embora para São Paulo. Toninho mudou para Campanas e eu e Maria Lúcia ficamos em casa com mamãe, trabalhando. Mamãe também dando a parte de contribuição, costurando, mesmo doente, sempre costurando.

E o tempo foi passando

do. Casei, fui embora para Apucarana e Lúcia foi trabalhar em Barbosa Ferraz e mamãe foi morar com Julieta. E assim foi nossa vida. Da união de papai e mamãe, surgiu essa família Labigalini Pianez. Um belo legado.

E sobre Encontro em Kaloré: "Nossa, nós adoramos e olha, achei assim maravilhoso o pessoal, o trabalho do pessoal. O desempenho de todos, adoramos. E no próximo, pode ser onde for, eu pelo menos estarei junto com vocês! Agradeço de coração todo esse trabalho que vocês tiveram. Estava muito, muito, muito legal. Muito mil!!"

SANTO, JOSÉ E MAIS 7 IRMÃOS: OS FILHOS DE VITTÓRIO

ELIZEU LABIGALINI

Santo Labigalini e José Labigalini nasceram em 1918 e 1920, respectivamente. Filhos de Vitória Labigalini e Rita Cétolo, netos de Luigi Felice Labigalini e Lúcia Crescimbeni.

Ambos foram sempre, a vida toda, muito próximos um do outro, sempre vivendo e trabalhando juntos, sempre irmanamente em tudo.

Casaram-se em Jacutinga e se mudaram para Monte Sião, onde permaneceram até meados de 1948, quando decidiram dar novo encaminhamento de forma radical para as vidas de cada um, aventurando-se em uma empreitada no norte do Paraná.

Radicalaram-se primeiramente no sítio existente na Estrada Velha entre Jandaia do Sul e a cidade de Marumbi, sendo contratados como mecêiros, lavradores, e se dirigiam a cavalo até locais onde se necessitava de derrubada de árvores, pois a Colonizadora Norte do Paraná estava começando, e suas famílias, com suas esposas à frente, ficavam cuidando do dia a dia, representando os maridos.

Poucos meses ali permaneceram e seus espíritos aventureiros os levaram em seguida para a Fazenda Santa Rita em Kaloré.

Em seguida resolveram trabalhar por conta própria na pequena cidade de Marumbi,

comprando e vendendo cereais, aves e ovos. Já tinham experiência adquirida no pouco tempo em que moraram em Monte Sião.

Ressalte-se que os dois irmãos assumiram a direção da grande família, que era chefiada pelos seus pais, nossos avós Vitória e Rita e que era composta de 9 membros. Organizaram a vinda de todos que haviam ficado em Jacutinga, ou seja, a matrona da família, nona Rita, assim como os outros irmãos Elisa, Maria, Luiz, Diomira, Aparecido, Alberto e Clara.

O pai deles, nosso avô Vitória, morreu em 4 de maio de 1937, com 42 anos de idade, vitimado por um câncer de estômago, no bairro dos Labigalini, também hoje conhecido como bairro dos Bengaline e foi sepultado na cidade de Jacutinga.

Santo (ou Santinho) e Bepe tinham notícias de que as terras roxas do Norte do Paraná eram mais produtivas e com preços mais acessíveis do que as do Sul de Minas, onde viviam até então.

Desta forma todos deixaram o Sudeste do Brasil e se dirigiram para o Sul de nosso país, como aliás, foi transcrito em um livro composto por Aristides, Janice e eu (Eliseu). Com o título Santo e José Labigalini. Uma história de família, trabalho e amor, em que descrevemos com amor e carinho, toda

a saga, toda a aventura empreendida principalmente pelos dois homenageados, numa espécie de repetição da aventura que outrora havia sido desenvolvida por ocasião da vinda de todos os Labegas e Labigas da nossa Itália tão querida.

Com a coragem e determinação herdadas de seus patriarcas, os destemidos irmãos e suas heroínas esposas, seguiram pela estrada rústica da época, em caminhões em busca de melhores destinos. Nenhum desafio se mostrou mais forte do que o pioneirismo dos obstinados irmãos.

Relembrando que esta mudança foi por volta de 1948. A primeira morada foi em Jandaia do Sul, em que foi oferecida como residência para os dois irmãos, um velho galinheiro, cheio de buracos por onde entravam vento, chuva, etc., residência muito precária. A cobertura era feita de ripinhas de madeira velha, apenas filtrava a água da chuva. Estavam praticamente ao relento.

Em seguida em parceria com o primo deles o Pedro (Pierim) filho do tio Elias - que já estava então com sua família na região de Kaloré - fizeram um arrendamento dos cafezais das Fazendas Santa Rita, em Kaloré.

As casas ficavam bem próximas umas das outras e isso era motivo de alegria, de parceria, de barganhas, de muita reza de terço e reunião familiar.

As árvores genealógicas dos filhos do Vô Vitória e da Vô Rita Cétolo produziram muitos frutos e seus galhos estão espalhados nesse mundo de Deus!

Citamos então os galhos iniciais da árvore dos nossos avós Vitória Labigalini e Rita Cétolo:

- Santo Labigalini, casado com Pascoalina Taveira Labigalini;

- José Labigalini casado com Maria Ornaghi Labigalini;

- Maria Labigalini casada com Pascoal Pianez;

- Elisa Labigalini casada com Anésio Brischiliari;

- Luiz Labigalini casado com Carmelina Brischiliari;

- Diomira Labigalini casada com Pedro Ornaghi;

- Clara Labigalini casada com Celso Ribeiro;

- Aparecido Labigalini casado com Ines Lombardi e

- Alberto Labigalini casado com Mercedes Travagin.

E sobre o Encontro em Kaloré, para Elizeu a festa de confraternização foi revestida de pleno sucesso. "Além de ter vindo Labigalines do Brasil inteiro e até do exterior, uma demonstração bem clara do quanto pujante, quanto grande é essa família.

O que mais fica evidenciado é o exemplo que os mais velhos vêm dando aos mais novos. Impressionante como, desde a vinda dos ancestrais,

as suas descendências vêm demonstrando um cuidado especial em preservar a história. Difícil de encontrar palavras para descrever o que ocorreu na nossa bela festa e gostaria de registrar que eu não esperava tamanha repercussão. Tanta

gente presente. Tanta gente que nem se conhecia, realmente maravilhoso.

Os exemplos transmitidos de pais para filhos numa ligação tão grande com tantos Labigalines, é realmente emocionante".

SANTO E JOSÉ LABEGALINI

UMA HISTÓRIA DE FAMÍLIA, TRABALHO E AMOR



Eliseu Labigalini
Janice Labigalini De Nez
Aristides Labigalini

Dois irmãos (Janice e Aristides) e um primo (Eliseu), respectivamente filhos do Santinho (Santo) e José (Bepe) resgatam e registram parte das memórias da família nas 66 (sessenta e seis) páginas desta publicação de 2021. Leitura obrigatória de netos e bisnetos de Luigi Felice Labigalini

A FESTA DE KALORÉ NAS MEMÓRIAS DE UM AGREGADO

ANTONIO
ROBERTO DE PAULA

Há 25 anos convivo com a família Labigalini porque sou casado com a Simone, filha do saudoso Alberto Labigalini, o Bertão, como o chamavam, que eu não conheci, e a dona Mercedes, sogra que eu conheci, de saudosa memória. Moramos em Maringá, no Paraná, e nessas mais de duas décadas de convivência com os Labigalini (tem Labigalini também e outras variantes, todos da mesma origem), participei de encontros em Marumbi-PR, a cidade da Simone, de seus pais e irmãos, em Kaloré-PR, Marília-SP e Monte Sião-MG.

Nas primeiras festas, a timidez se encarregou de me deixar num canto como um ouvinte realmente interessado em saber a saga dessa família que chegou da Itália em 1895. Os encontros seguintes me deixaram mais à vontade, passaram a me chamar de primo e o vinho empacotou aquela minha timidez, deixando-a esquecida num lugar que eu nem me lembro mais.

A cada encontro aumento a minha coleção de primos e primas e, de maneira inva-

sora, depois, num usucapião parental, acabei fazendo dos Labigalini minha família e a ela fui integrado. Não que eu tenha deixado a família De Paula de lado. Eu fiz foi uma abrangência, estiquei minha área de atuação familiar e a Simone se tornou uma De Paula também.

Por isso, no encontro de Kaloré, dia 2 de março de 2025, eu já estava bem mais à vontade. Tão à vontade que resolvi levar uma bandeira da Itália para fazer fotos dos primos e primas. Cumprimentei a maioria, conheci mais primos.

Acompanhei todo o trabalho prévio para a realização da festa porque a Simone fez parte da organização, que começou em dezembro de 2024, e me contava como tudo estava caminhando. Às vezes descaminhava e logo voltava nos trilhos. Convenhamos, não é uma prerrogativa de descendentes de italianos, é próprio do ser humano. Ressaltando: todos querendo que o melhor fosse realizado.

Se eu for citar o pessoal que trabalhou para que este encontro fosse pleno de êxito vou cometer injustiças porque não sei o nome de todos

e não tenho a exata noção das tarefas executadas. Mas, deixando os nomes de lado e homenageando todos os que, de uma forma ou de outra fizeram acontecer a bela festa, vou citar as primas de Kaloré.

Parabéns, queridas primas! Obrigado! Nas etapas de preparação, vocês atenciam para tantos detalhes que muitas vezes passam despercebidos. No dia do evento, vocês correndo para todos os lados para resolver os inevitáveis contratempores numa reunião de mais de 300 pessoas. E com alegria, nos recebendo no salão da Paróquia da Igreja de São Benedito como se nos recebessem em suas casas. Tenho comigo que a maior parte das pessoas não sabe o trabalho que dá.

Enquanto a festa rolava, enquanto tomava meu vinho, enquanto revia primos e primas de outras confraternizações, enquanto ouvia os discursos e as marchinhas de Carnaval, pensava neste grupo de voluntários que abriu o coração (esta turma já nasceu disposta desde que nasceu) e pôs a mão na massa para nos proporcionar esta celebração dos 130 anos dos Labigalini no Brasil.

Momentos de emoção permeiam encontros assim. Vêm as eternas saudades. Somos feitos de sonhos e recordações. Os rostos trazem lembranças dos que já se foram. Histórias contadas e recontadas dão a base para o elo das gerações. Lágrimas escorrem nos abraços ternos e efusivos. À medida em que contabilizamos os anos no nosso particular calendário, acumulamos, inexoravelmente, saudades. Então, surge o misto de alegria por poder participar daquele momento e a tristeza pela ausência dos que encerraram a história neste plano e deixaram uma indelével e personalística marca.

Cada um teve a sua impressão muito própria deste encontro, com significados diversos. Para alguns, talvez, nenhum significado além de comer e beber. Esperando ferozmente que a pieguice não venha descarrilar o trem das minhas ternas memórias da Kaloré do dia 2 de março de 2025, acredito que para a grande maioria, o encontro fortaleceu laços, criou e resstabeleceu conexões e animou para novas confraternizações.

Vi cenas que me tocaram. Emocionados reencontros no encontro. Ao saber de algumas histórias mais profundamente, passei a admirar personagens, a me solidarizar, a respeitar num grau maior. Histórias de dor e sofrimento. Histórias de doação e superação. Engraçadas, curiosas e dramáticas. Tudo isso junto compo o painel da família ao longo dessas treze décadas. Histórias de vida. A junção que formou o legado.

Conheci a prima corintiana Anaisa que, assim como eu, estava preocupada com o jogo do nosso time, que seria no começo da noite e por isso tinha levado fones de ouvido para acompanhar. Sim, os Labigalini não são apenas palmeirenses. Conhecer a doce Anaisa valeu a festa.

Primos e primas de várias cidades brasileiras e do exterior. A italiana Mariangela, moçileira, cidadã do mundo, exuberante simpatia, permanente sorriso, parceira no vinho e na aguardente de anis preparada pelo primo Dali. Vou remexendo as memórias, o texto vai alongando, alongando. Tantos nomes queridos me vem à mente...

Vi nossa afilhada Maria

Rita, que vai completar 16 anos, filha do meu cunhado Rubinho e da Adriana, participando, anotando e distribuindo crachás para quem chegava. Ela vai estar nos próximos encontros, vai compreendendo a importância e o orgulho do pertencimento, vai acumulando informações e transmitindo.

Vimos a Maria Rita nascer e na festa ela carregava no colo uma priminha de 2 anos. Ele já está fazendo sua própria história, está tendo suas impressões no contexto dessa família e do mundo em que vive. Minha sensibilidade me leva a detalhes que, por mais prosaicos que possam parecer, sustentam a minha definição de família. Vou ficando por aqui, mas sem qualquer exercício vão surgindo outras histórias dentro do já histórico encontro de Kaloré. Estão guardadas no coração.

Um encontro abençoado, este comemorativo aos 130 dos Labigalini no Brasil. Agradeço a Deus por ter participado, agradeço por ser chamado de primo e espero estar presente nos próximos. Um beijo e um abraço do agregado De Paula. Deus nos abençoe sempre!

O JMS E A FAMÍLIA LABIGALINI

JOSÉ AYRTON LABEGALINI

O Jornal Monte Sião (JMS) foi fundado em 15 de janeiro de 1958, com a impressão do exemplar número 1, por iniciativa do então promotor de justiça da Comarca de Monte Sião, Doutor Antônio Marcello da Silva. Na edição de janeiro de 2025 o JMS completou 67 anos de existência. Nesta edição de março de 2025, em que comemoramos os 176 anos da fundação de Monte Sião, estamos na Edição de Nº 633. Neste mesmo ano de 2025, a Família de Luigi Felice Labigalini comemora seus 130 anos de imigração da Itália.

A Família de Luigi Felice Labigalini chegou ao Brasil e logo se instalou próximo ao Bairro da Forquilha, no Município e Jacutinga, hoje denominado Bairro do Bengaline. Os contatos da Família sempre foram com Itapira, Jacutinga e Monte Sião. Depois de algumas décadas, filhos e netos do imigrante patriarca migraram para Monte Sião e mais tarde de Jacutinga e Monte Sião para o Norte do Paraná.

Erros em cartórios de registro civil alteraram o nome original da família Labigalini para Labegalini, mas independentemente da grafia registrada, membros da família sempre se adaptaram ao destino da migração e vieram a colaborar com o desenvolvimento local, seja no empreendedorismo, seja no ingresso à política ou na participação cultural.

Em Monte Sião, a presença da Família também teve o seu quinhão no desenvolvimento da cidade e neste artigo é feito um resumo da colaboração Labegalini ao JMS.

Em 67 anos de existência, o JMS teve vários Diretores. Logicamente que o primeiro deles foi o seu fundador, Antônio Marcello da Silva, que exerceu essa função entre a fundação em 1958 até 1962, quando se mudou da cidade. Seu substituto foi o Professor Pascoal Andreta, que por 10 anos esteve à frente do Jornal, entre 1962 e 1972. Quando o Pascoal pediu seu afastamento, foi a vez de Ugo Labegalini segurar as pontas por quatro décadas, entre 1972 e 2012, quando ele nos deixou. Seu substituto foi o Ivan Mariano Silva, entre 2012 e 2020. Após a morte dele, a filha

Alessandra Mariano assumiu esse cargo.

A colaboração deste Labegalini, do Ugo, ao JMS, foi muito mais que ser seu Diretor por 40 anos, pois ele contribuiu com a coluna “O Caminhoneiro”, cobrava artigos dos colaboradores, auxiliava na diagramação, cuidava da contabilidade, levava os originais para a impressão, buscava o jornal impresso e ainda cuidava da distribuição. Quando foi exigido um jornalista responsável, pediu o apoio a uma prima jornalista.

Em meados de 2001, houve a necessidade de substituir o Jornalista Responsável Técnico pela publicação do JMS. O então Diretor do Jornal, o Ugo Labegalini, se lembrou de sua prima Simone Travagin Labegalini, jornalista de profissão (MTB 3304-PR), residente

em Maringá-PR. Bastou um telefonema e essa Labegalini passou a ser a jornalista responsável pelo Jornal Monte Sião, desde setembro de 2001. Curiosamente, a Simone nunca se encontrou com o Ugo, tem dele a lembrança de uma voz ao telefone, acontecido há 24 anos. Em uma viagem à Monte Sião, em novembro de 2017, a Simone veio a conhecer o então Diretor do Jornal, o Ivan Mariano Silva.

O Jornal Monte Sião sempre teve desafios financeiros para a sua manutenção, sempre cobrou (e ainda cobra) um valor simbólico de assinatura e tem parcos anunciantes. Vez ou outra precisa de um aporte financeiro para a sua sobrevivência. Com a instituição da Fundação Cultural Pascoal Andreta (FCPA) em julho de 1983, tendo na presidência o

Ivan Mariano Silva, esta veio a ser sua principal financiadora em épocas difíceis. A amizade entre o Ivan e o Ugo resultou, por décadas, na sobrevivência simbiótica do Jornal. Em 2007 o Ivan pediu para ser afastado da Presidência da Fundação e indicou o José Ayrton Labegalini para substituí-lo e o apoio ao JMS continuou nos projetos da Fundação.

Em 2012, com a morte do Ugo, o motor do Jornal, a situação financeira do mesmo ficou insustentável. Por proposta do Ivan - como novo Diretor do Jornal - o Presidente da Fundação defendeu na Assembleia Geral de 08/12/2012, e foi aprovada a proposta da FCPA assumir o financeiro do JMS. Desde 2015 consta nos planos anuais das atividades da Fundação a manutenção do JMS,

através de recursos negociados com a Prefeitura de Monte Sião, para repasses à Fundação. Além da responsabilidade das negociações que possibilitam o aporte financeiro para o JMS, este Labegalini também é colaborador, com o envio de artigos e matérias para publicação.

Além dos três colaboradores com responsabilidades específicas e acima citados, outros integrantes da Família Labegalini são ou foram colaboradores com o envio de artigos. Os mais frequentes e assíduos foram e/ou são: Romildo Labegalini, Elza Labegalini, Márcio Labigalini e Bruno Labegalini.

Colaboraram para esta edição, ou em edições passadas do Jornal os seguintes membros e agregados da Família, aqui listados por ordem de geração e idade:

Colaboradores da família para esta edição do Jornal Monte Sião							
Colaborador	Ger.	Filho de	Neto de	Bisneto de	Trineto de	Tetraneto de	Obs.:
Ugo Labegalini	4ª	Batista Labegalini	Luigi Felice Labigalini				
Romildo Labegalini	4ª	Último Labegalini					
Elza Labegalini	4ª						
Osmar Labegalini	5ª	Benjamim Labegalini	Elias Labegalini	Luigi Felice Labigalini	Luigi Labigalini		
Aristides (Tidinho) Labigalini	5ª	Santinho Labigalini	Vittorio Labigalini				
Janice Labigalini De Nez	5ª						
Eliseu Labigalini	5ª	José (Bepe) Labigalini					
Iolanda Labigalini	5ª						
Tereza Cristina	5ª	Maria Labigalini					
Beatriz Labegalini	5ª	Aparecido A. Labegalini					
Simone Labegalini	5ª	Alberto Labegalini					
Antonio Roberto De Paula							Marido da Simone
José Ayrton Labegalini	5ª	Aleoprande Labegalini	Primo Labigalini				
Paulo Roberto Labegalini	5ª	Mário Labegalini	Batista Labegalini				
Marzio Roberto Labigalini	5ª	Romildo Labigalini	Último Labegalini				
Sérgio Luis Labegalini	5ª	Gentil Labegalini	César Labegalini	Angelo Labigalini			
Andréia C. F. Baraldi Labegalini							Esposa do Sérgio
Giovana Labegalini	6ª	Osmar Labegalini	Benjamim Labegalini	Elias Labegalini	Luigi Felice Labigalini	Luigi Labigalini	
Danieli Lais Labigalini Boso	6ª						
Leandra Labigalini M. Câmara	6ª						
Aline Labegalini Ally	6ª	Iolanda Labigalini	José (Bepe) Labigalini	Vittorio Labigalini			
Bianca Diretti	6ª	Cleusa Diretti	Elisa Labigalini				Sobrinha adotada
Leonardo Labegalini	6ª	Cristiane Labegalini	Claudio Labegalini	Batista Labegalini			

“LA VOGLIA DI TORNARE”

MARZIO LABIGALINI

No domingo de Carnaval, dia 2 de março de 2025, participamos de um grande encontro da nossa família Labegalini / Labigalini em Kaloré, no Paraná.

Eu poderia aqui falar sobre o passado (a história), o presente (do encontro), ou o futuro (dos próximos encontros e da continuidade da união familiar); mas, prefiro tocar no assunto dos sonhos, que envolve os três tempos: os sonhos de quem veio, os sonhos de quem está vivo e os sonhos dos que virão.

A maioria dos italianos que vieram para a América, o que era chamado de “Fare la Merica”, não tinha o desejo de aqui permanecer; mas sim, de ganhar algum dinheiro e voltar para a Itália.

Na nossa família, ocorreu a mesma história. Os irmãos

e irmãs Labigalini que vieram para cá, antes de 1900, tinham o sonho de retornar para a Itália. E isso aconteceu com a maioria deles, exceto um dos irmãos que aqui permaneceu (o Angelo Labigalini), provavelmente por motivos financeiros e as dificuldades que enfrentou por ter contraído a cólera na viagem de navio para cá. Um outro irmão, o Giuseppe Labigalini, tentou retornar, mas morreu dentro do navio e foi jogado ao mar.

A partir de 1900, quando se iniciou o processo de retorno dos imigrantes para a Itália, ainda não havia emprego para todos lá e ocorreu uma segunda onda de partida de imigrantes italianos com um exodo para outro destino dentro da América, pois ao invés de virem para a Argentina e Brasil, o foco estava nos Estados Unidos. Porém, o sonho ain-

da era o mesmo, ganhar um dinheiro e voltar para a Itália. Isso ocorreu com alguns da nossa família, que foram e voltaram, várias vezes, dos Estados Unidos para a Itália. Isso ocorreu principalmente com os descendentes do Giovanni Labigalini e de suas irmãs: Domenica e Margherita Labigalini.

Outro fator que influenciou nas decisões dos destinos tem relação com as guerras entre 1911 e 1915, onde alguns da nossa família participaram, o que gerou angústias e sofrimentos suficientes para que os pais voltassem para o Brasil e novamente tentassem aqui uma nova vida. Mas o sonho de retornar permanecia, apesar do abandono da mãe Itália aos seus filhos tão caros de sustento e segurança. Isso ocorreu com os descendentes do Luigi Felice Labigalini.

Passado o tempo, a maioria dos italianos que aqui chegou não conseguiu retornar. E o mesmo ocorreu com a nossa família, o que possibilitou a existência, hoje, de mais de mil descendentes dos irmãos Labigalini que vieram para cá.

Na Itália, é bem provável

que o sobrenome Labigalini não se perpetue, mas aqui no Brasil é certeza que deve prosperar.

Apesar disso tudo, o sonho de “voltar” para a Itália ainda sobrevive dentro de alguns da nossa família, incluindo em mim. E espero que aconteça com

alguns descendentes, principalmente os mais jovens, o que, se ocorrer, pode ainda perpetuar nosso sobrenome na Itália e principalmente, manter nosso vínculo e nossos valores familiares em um mundo bem mais complicado do que era antigamente.



Do patriarca da família, crescido em um orfanato onde recebeu o nome de Luigi Labigalini, casado com Lucrezia Pelizzari, nasceram nove filhos: Giovanni (casado com Maria Rizardini), Tomaso (casado com Matilde ??), Luigi Felice (casado com Lucia Crescimbeni), Angelo (casado com Angela ??), Giusepe (casado com Maria Miconeli), Domenica (casada com Antonio David), Margherita (casada com Giuseppe Viani), Lucrezia (casada com Giuseppe Monovalte Maria (casada com Giovanni Tiboni). Exceto o Angelo, que permaneceu na Itália, os filhos homens emigraram para o Brasil e três filhas para os Estados Unidos e a Maria para a Argentina.

AS EMOÇÕES COMEÇARAM BEM ANTES DO ENCONTRO EM KALORÉ

SIMONE LABEGALINI

Toda essa história começou bem antes. No dia 9 de dezembro de 2024 as primas de Kaloré criaram um grupo de organização. Meu irmão Rubinho e eu fomos convidados a participar. Aceitamos. Ah, vocês não imaginam como foi bom poder colaborar e conhecer um pouco mais os primos e primas. A gente se falou praticamente todos os dias, até chegar o tão esperado 2 de março de 2025.

E agora estou aqui, com um misto de emoções e lembranças. Da sala vem o barulho do jogo do Palmeiras

com São Paulo. Amanhã, dia 11 de março, meu pai, o Alberto Labegalini, o Bertão, palmeirense, faria 88 anos. No dia 13, seria aniversário da mãe, Mercedes. A saudade, que só aumenta a cada ano, todo mês de março machuca um pouquinho mais.

Saudade não tem idade. Já sinto falta de tudo que envolveu o nosso Encontro. Já na sexta-feira de Carnaval eu e De Paula, meu marido, deixamos Maringá e fomos para Marumbi, na casa do Rubinho. Ele, a esposa Adriana, o nosso sobrinho Igor e a nossa afilhada Maria Rita, nos receberam, como sempre, com alegria, uma marca registrada dessa que-

rida família. Mas desta vez havia um clima de expectativa. Começamos o nosso “esquentar”, como dizem os mais jovens. Eles abriram a casa para receber os primos José Ayrton e a esposa Veronica, de Monte Sião, o primo Osmar Labegalini e a família, de Curitiba, e familiares de Marumbi. A festa começou!

O sábado foi igualmente feliz e intenso, com muitas histórias e surpresas na casa da prima Janice e do Clidão. A expectativa só aumentava. Assim como o nosso peso corporal. Gente, é muita comida boa em casa de italiano! Devemos estar mais pesados na balança,

mas também bem mais leves depois de muitas risadas e lágrimas das lembranças.

O domingo chegou. Depois de quase três meses de espera vamos comemorar os 130 anos de imigração dos Labigalini que vieram da Itália para o Brasil. Foi uma grande festa, mas não só pelo número de pessoas – mais de 300 – que marcaram presença em Kaloré. Foi grandiosa porque consolidou um sentimento raro hoje em dia: o pertencimento. O envolvimento nosso foi durante todo o dia. Ver o empenho do Igor e da Maria Rita para ajudar – quando poderiam só curtir – foi um sinal que estamos no caminho certo.

Mas, como o melhor de toda festa, vem depois nos comentários, os Labegas não fogem à regra. No domingo à noite, o primo José Ayrton decidiu que abriria um espaço no Jornal de Monte Sião para registrar as impressões desse Grande Encontro. Que privilégio! Quantas famílias têm essa oportunidade de ter um jornal para registrar a sua história? E eu tenho a honra de fazer parte da equipe do JMS há 24 anos.

E agora só gratidão. A Deus, sempre e em primeiro lugar. Ao meu companheiro De Paula, que todas as noites ouvia com atenção e carinho os relatos do que acontecia no grupo e que colaborou

com ideias e artes criativas para o nosso encontro. Ao meu irmão Rubinho, pelos exemplos de valores, pelo comprometimento e seriedade de cada dia mais evidentes. À minha comadre e cunhada, Adriana Villa Labegalini, que demonstra com seus gestos o grande amor e respeito que tem pela nossa história.

Eu, hoje, não sou a mesma pessoa que era no final do ano passado. Não tem como sair igual de uma experiência assim. Se para muitos foi só mais uma festa, tudo bem. Para mim, foi um reencontro com emoções e com pessoas que me tornaram melhor. Obrigada.

SUPERMERCADO SHIMODA
Onde seu dinheiro compra mais
Avenida Brasil, 205 - Fone 35 3465-1300
Rua Tancredo Neves, 300 - Fone 35 3465-1175
Monte Sião - Minas Gerais

Supermercado e Casa de Carnes
Oliveira
A melhor carne da região!
Pça. Renato Franco Bueno, 80 - Centro - Monte Sião - MG - Cep 37580-000
(35) 3465 1817 / 3465 2109

MAZA
ALINHAMENTO E BALANCEAMENTO DE RODAS, ESCAPAMENTOS, AMORTECEDORES, BATERIAS
PNEUS
RUA CELSO SEBASTIÃO SIMONETI, 38 (ANTIGO MATADOURO) 3465-5463

50 ANOS DEPOIS

JOSÉ AYRTON LABEGALINI

No ano de 1895, chega em Itapira-SP o imigrante italiano Luigi Felice Labigalini, trazendo sua esposa Lucia Crescimbeni e três filhos (Emílio, Elias e Vitorio). O motivo da mudança foi a procura de um lugar mais próspero para a sobrevivência financeira da família - que chega a voltar para a Itália em 1909 - e vem em definitivo ao Brasil em 1913. Nessa segunda emigração, a família vem para a mesma região paulista, mas em seguida se transfere para o Sul das Minas Gerais, então com sete filhos: Emílio, Elias, Vitorio, Primo, Batista, Antonio e Último. Aqui estava um dos filhos do patriarca Luigi Labigalini e sete dos seus netos, da terceira geração.

Depois de pouco mais de três décadas, todos os filhos de Luigi Felice Labigalini já estavam casados e a quarta geração, formada pelos bisnetos do patriarca, já era contada em dezenas. O empreendedorismo de alguns netos de Luigi Felice, insuflado pelo sangue migratório do avô, fez com que alguns irmãos e primos

da quarta geração migrassem do Sul de Minas para o Norte do Paraná, distante 700 quilômetros.

A história se repete e novos chefes de família, agora da quarta geração, promovem o distanciamento (físico) entre irmãos, entre pais e filhos, entre primos de quinta geração. O distanciamento na família é somente físico, pois o amor fraterno é uma característica marcante da família. Desde então, sempre teve um "tio" e/ou "primo" indo daqui "de Monte Sião ou Jacutingá" para lá "região de Maringá/Marumbi/Kaloré", ou vindo de lá para cá, para amenizar a saudade, trocar visitas, conhecer novos "sobrinhos" e manter os laços familiares ativos.

Em janeiro de 1974 foi a vez do Tio Último ir visitar irmãos, sobrinhos e sobrinhos netos, estes da sexta geração ou tetranetos do patriarca. A viagem foi de carro e junto com o Tio Último foi a Tia Maria (sua segunda esposa) e os filhos Ronaldo e Tadeu. Ao Tadeu coube a tarefa de ser o motorista da viagem, mas como as estradas e os carros não tinham a performance de hoje, celular e GPS eram ficção cien-

tífica e considerando-se ainda a distância a dirigir, fui convidado como copiloto e motorista auxiliar. Lá fomos nós com destino a Kaloré.

Junto com os meus pais, Aleoprando (Debrando) e Tereza, ainda criança, eu já havia ido visitar os parentes do Paraná, mas como adulto foi a primeira e última vez que estive em Kaloré. Da casa do Sebastião e/ou Benjamim e das duas Terezinhas (as duas esposas se chamam Tereza), me lembrava dos "primos" Osmar, Nilza e Valdemar do Benjamim, e Nide e Nice do Sebastião.

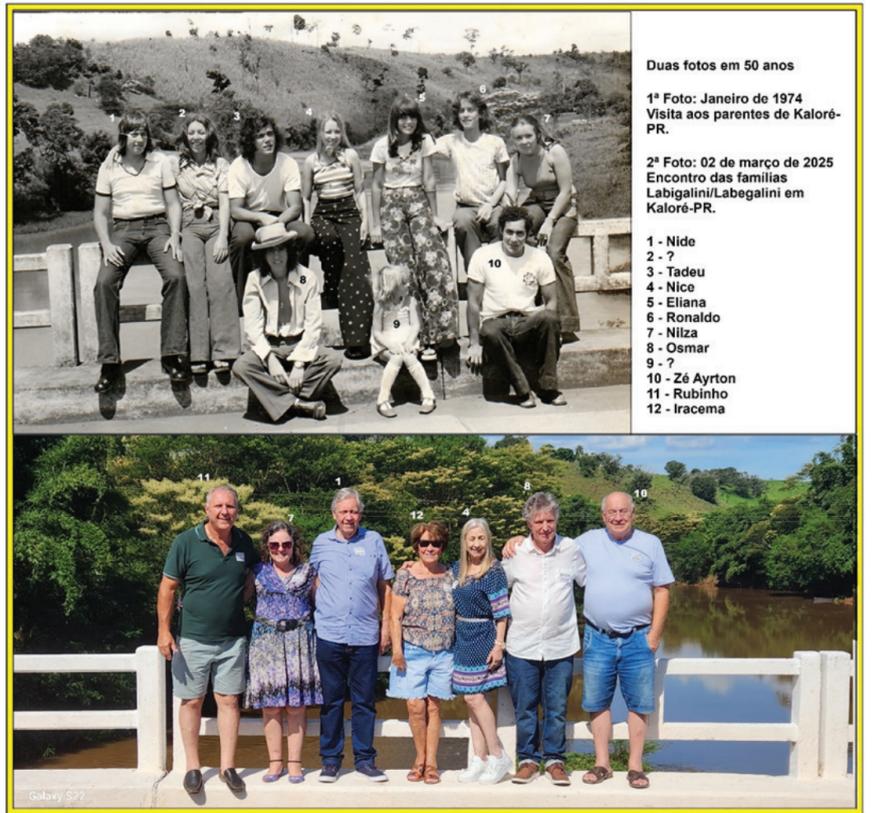
Em um dos dias da visita, não sei se num sábado ou domingo, todos os "primos" da mesma faixa etária mais alguns novos amigos e conhecidos, foram em dois carros até a ponte no Rio Bom, divisa entre Kaloré e Marumbi e lá registramos o momento com uma fotografia. Evidentemente que em preto e branco.

No dia 2 de março de 2025, fui outra vez à Kaloré, agora para mais um encontro familiar e foi possível restabelecer os laços de 1974. Reencontrei quase todos, reconheci de pronto alguns, mas precisaram me reavivar a

memória para outros. A exceção foi o Osmar, pois nos encontramos antes em duas oportunidades, em 1992 e em 2023.

No meio da tarde, conversando com uns e outros, resolvemos repetir o registro de 1974 com uma nova fotografia, evidente-

mente que agora colorida e registrada com um celular. Lá fomos nós para a ponte do Rio Bom outra vez, 50 anos depois.



Duas fotos em 50 anos

1ª Foto: Janeiro de 1974
Visita aos parentes de Kaloré-PR.

2ª Foto: 02 de março de 2025
Encontro das famílias
Labigalini/Labegalini em
Kaloré-PR.

1 - Nide
2 - ?
3 - Tadeu
4 - Nico
5 - Eliana
6 - Ronaldo
7 - Nilza
8 - Osmar
9 - ?
10 - Zé Ayrton
11 - Rubinho
12 - Iracema

Em 1974, estávamos em dez pessoas na ponte do Rio Bom, enquanto que em 2025 somos apenas sete. Duas das pessoas de 1974 não foram reconhecidas, uma infelizmente já faleceu (a Eliana) e dois não foram ao encontro de 2025 (os irmãos Tadeu e Ronaldo). No grupo de sete de 2025, para compensar a falta dos dois "primos" de 1974, foram chamados outros dois primos - o Rubinho e a Iracema.

TIO TIDE: MESMO SEM MEMÓRIA, LEMBRAVA DOS IRMÃOS

BEATRIZ LABEGALINI

Aparecido Antônio Labegalini, conhecido como Tide, nasceu em Jacutinga em 5/10/1934 e faleceu em Curitiba no dia 01/06/2024, um dia após completar 66 anos de casado com Ignez Lombardi Labegalini, 85 anos, que com muita alegria esteve presente na linda festa realizada em Kaloré. Tiveram 5 filhos: Beatriz, José Vitorio, Edson, Adriano e Adriana. Também 10 netos e 4 bisnetos.

Nosso pai era muito trabalhador, caseiro e amoroso. Se estivesse aqui, com certeza iria chorar muito. Crescemos ouvindo que em primeiro lugar era a obrigação para depois a distração. Ele foi sempre muito responsável e prestativo. Viveu a maior parte da vida em Marumbi. Trabalhava no armazém com os irmãos Luiz e Alberto na compra e venda de cereais. Em 1980 mudamos para Curitiba, tivemos momentos difíceis, mas a vida foi melhorando.

Torcedor fiel do San-

tos e do Pelé que, inclusive, deu o nome a um filho. Adorava jogar truco, mas não gostava de perder. Não perdoava nem os filhos e netos. Assistia ao jogo na televisão e ouvia o rádio ao mesmo tempo.

O mais triste foi quando, diagnosticado com Alzheimer e, mesmo sem memória, lembrava dos irmãos e do caminhão que levava os cereais para Apucarana. Hoje faz 9 meses que ele partiu e nos deixou um legado de muito amor e união. (O Encontro em Kaloré aconteceu no dia 2/3/2025).

REFLEXÃO DE ORAÇÃO

PAULO ROBERTO LABEGALINI

Para você nascer, foi preciso: um pai e uma mãe - 4 avós - 8 bisavós - 16 trisavós - 32 tetravós - 64 pentavós - 128 hexavós - 256 heptavós - 512 octavós - 1024 nonavós - 2048 decavós...

Nas suas últimas 12 gerações, em cerca de 400 anos, você precisou de um total de 4.094 pessoas (antecedentes) para você nascer - isso para cada um aqui presente! Ou seja, somos o resultado de milhares e milhares de vidas - com escolhas difíceis e sacri-

fícios - que vieram antes de nós. Isso nos lembra o quanto é preciosa a nossa existência e, principalmente, a responsabilidade que carregamos de sonhos vividos nessa tão longa e longa linha do tempo.

Precisamos honrar isso, minha gente! Cada batida em nosso coração significa nova esperança e coragem em construir um mundo melhor. Tenhamos como um dos objetivos de vida 'valorizar a luta dos nossos ancestrais' que, às suas maneiras, abriram as portas do futuro para nós. Cada vida aqui hoje

é um presente de muitas gerações da humanidade e precisamos lapidar o legado que deixaremos aos nossos filhos.

Mas um mundo melhor só será possível com gratidão e amor na oração, pedindo a graça de Deus a cada instante para caminharmos na justiça e na paz. E já dando início a isso, que nesta oração bíblica e universal que Jesus nos ensinou, possamos agradecer este lindo congraçamento familiar e também crescer em espiritualidade cristã. Peço, então, que em pé rezemos unidos o Pai Nosso...

LAÇOS FAMILIARES MAIS FORTES QUE NUNCA

OSMAR LABEGALINI E FAMÍLIA

O Encontro da Família Labegalini foi um momento de muitos abraços e de muita emoção.

O objetivo do encontro foi (e é!), acima de tudo, confraternizar e estimular nos mais jovens o desejo e a luta pela preservação da história da nossa família.

A adesão começou devagar e, a cada família a mais que confirmava a presença no encontro, o grupo organizador festejava.

Inicialmente a meta era atingir 150 pagantes, no entanto atingimos 268.

Outros encontros da família já ocorreram anteriormente, no entanto, em número de participantes, esse foi o mais numeroso.

Havia pessoas de mais de 40 cidades e de 4 países diferentes: Brasil, Estados Unidos, Suíça e Itália.

O clima foi de muita alegria e descontração. Muitos participantes comentaram que um encontro dessa dimensão deveria

ter duração de pelo menos dois dias, pois, um dia é pouco para conseguir se relacionar com tantos parentes.

Segundo os participantes, o evento foi um sucesso e já começam a cobrar da comissão organizadora para que o próximo encontro seja organizado.

Vamos torcer para que no próximo, tudo seja feito com o mesmo ânimo e a mesma energia.

Muito obrigado!

Osmar Labegalini

-- xx --

O Encontro da Família Labegalini foi uma oportunidade incrível para matar a saudade de tantas pessoas especiais. No entanto, mais importante ainda, apresentar minha filha a essa atmosfera familiar tão alegre e animada. Voltamos para casa com a certeza de que valeu a pena a viagem e com laços familiares mais fortes que nunca.

Giovana Labegalini

-- xx --

O encontro da família

Labigalini/Labegalini, comemorando os 130 anos de imigração foi encantador, emocionante e cheio de boas lembranças.

Parabéns aos organizadores do evento, estava tudo impecável.

Grazie! — Danieli Laís Labegalini Boso

-- xx --

O objetivo do encontro da Família LABEGALINI é reunir todos para preservar a história da nossa família e fortalecer nossos laços de amor e carinho; resgatar memórias afetivas de tudo que já vivenciamos; trazer para hoje lembranças dos que já se foram; estabelecer novos vínculos, promover a união entre todos e confraternizar.

Tudo foi preparado com muito carinho para que pudéssemos nos encontrar, abraçar, sorrir, gargalhar e brincar. Enfim, SER FELIZ ao lado daqueles que fazem parte da história da FAMÍLIA LABEGALINI. Viva a nossa família! Viva a família LABEGALINI!

O ENCONTRO DA FAMÍLIA LABEGALINI FOI UMA GRANDE BENÇÃO

JANICE LABEGALINI

A oportunidade de rever parentes e de conhecer pessoas da família que só tínhamos contato pelas redes sociais. Nossos laços afetivos foram fortalecidos. Memórias dos nossos ante-

passados foram restauradas, nossas energias espirituais foram renovadas.

Em apenas um dia, as emoções afloraram. Muitas histórias comentadas que nos levaram a refletir e chegar a um pensamento: que somos herdeiros de uma família onde os valores

que hoje passamos aos nossos filhos, são aqueles que há 130 anos já eram comuns entre os membros da família Labegalini. Momentos assim são sagrados e haverão de acontecer e cada vez mais alimentar essa vontade de reencontrar e celebrar

O PRESENTE DA IOLANDA

ALINE LABEGALINI ALLY

O encontro me fez honrar minha origem e conhecer a família da minha mãe Iolanda.

Perdi minha mãe no meu parto, há quase 45 anos. Sempre tive muito orgulho de ser uma Labegalini, sabia do quanto boa e amorosa minha mãe foi. E eu sempre quis ter laços com minha família, mesmo estando distante.

A homenagem que a tia Janice fez à minha mãe e a nós me deixou a certeza do quanto somos amados nessa família e que devemos sim ter muito orgulho de sermos Labegalini.

Meus filhos e sobrinhos se emocionaram em saber que a avó deles deixou um lindo legado. Que aconteceram mais encontros e reuniões familiares.

Quando eu me casei, a regra era tirar um sobrenome e colocar o sobrenome

do esposo. Eu me lembro que falei ao meu marido que eu não poderia mudar nada no meu nome, pois foi o que minha mãe me deixou. Ao ir para a maternidade ela levou um papel com o nome: se eu fosse menina seria Aline Labegalini Ally. E eu nunca quis mudar esse presente que ela me deu. Até hoje guardo com carinho esse papel, para sempre me lembrar da escolha dela.

MONTE SIÃO JÁ PERCEBEU!

JOSÉ AYRTON
LABEGALINI

Tem um vídeo musical de 3:30” circulando no mundo inteiro, menos no Brasil e em outros países onde a liberdade de imprensa deixou de existir e os governos ditatoriais não permitem sua circulação formal. Um verdadeiro levante da moralidade internacional que está virando um hino mundial... o planeta acordou e percebeu o mal que o socialismo e comunismo fazem nas vidas dos seres humanos. A música é cantada em inglês e a sua tradução diz mais ou menos o seguinte:

*Precisamos acordar
Precisamos ser sábios
E fazê-lo agora! Agora!
Agora!*
*Precisamos construir um futuro melhor
Precisamos começar agora mesmo!
Estamos num planeta que tem um problema.
Temos que resolvê-lo, envolver-nos
E fazê-lo agora! Agora!
Agora!*
*Temos que construir um futuro melhor
E precisamos começar agora mesmo!
Torná-lo mais verde*

*Torná-lo mais limpo
E fazê-lo agora! Agora!
Agora!*

*Precisamos construir um futuro melhor
E precisamos começar agora mesmo
Nada de esperar ou hesitar
Devemos ser sábios, não aceitar mais mentiras
Precisamos construir um futuro melhor
E precisamos começar isso agora mesmo*

*Estamos num planeta que tem um problema
Temos que resolvê-lo, envolver-nos
E fazê-lo agora! Agora!
Agora!*

*Precisamos construir um futuro melhor
E temos que começar agora mesmo!
Torná-lo mais verde
Torná-lo mais limpo
Fazer isso agora, fazer isso rápido
E fazê-lo agora! Agora!
Agora!*
*Precisamos construir um futuro melhor
E precisamos começar agora mesmo!
Precisamos construir um futuro melhor*

Na letra dessa música, se relemos o texto trocando a expressão “num

mundo” por “numa cidade” verificamos que Monte Sião já percebeu que tinha um problema e que tinha que resolvê-lo, mas que já acordou e já começou a fazer isso. Já começou a construir um futuro melhor, sem espera ou hesitação.

Completamos pouco mais de três meses da nova gestão, mas são notórias as mudanças administrativas que recolocará Monte Sião no eixo do desenvolvimento. Tendo o Turismo, como a força motriz que aciona o conjunto de engrenagens (Educação e Esporte, Saúde, Obras e Serviços Públicos, Agricultura/Pecuária e Meio Ambiente, Indústria e Comércio, Cultura e Lazer) e que fará a cidade se desenvolver de verdade.

Embora hoje tenhamos um prefeito arrojado e de iniciativas, com um corpo técnico bem montado - onde tudo indica que a “política” prevalece sobre a “politicagem”- cada cidadão, até então incomodado com a precariedade do nosso desenvolvimento, deve prestar atenção na mensagem, no texto da música e também se envolver.

A DENTADURA E A ENTRUDADA

PAULO FRANCO

Não resisti ao anagrama, quando resolvi intitular essa história e narrá-la a você, caro leitor.

As praças, principalmente nas pequenas cidades nos revelam uma fauna de frequentadores e sempre que posso, me sento num banco e observo. Existem as agremiações de jogadores de dominó, caxeta e truco. O dominó e a caxeta, são jogados por senhores, presumo que aposentados e o truco com os gritos e gestuais, que remetem a um jogo teatral são da predileção de jovens estudantes, que não sei se acabaram suas aulas ou evadiram-se delas. Tem as mães, com crianças, que pela proximidade do carnaval, não raro se transformam em princesas e homens aranha ocupam o espaço da praça para brincar e dar asas à sua imaginação e fantasias. Num canto da praça, um bar com duas mesas de sinuca, frequentado quase sempre pelas mesmas pessoas, bebendo cerveja entre uma e outra partida de sinuca. Alguns, eu imagino, são alcoólatras ajustados ao comportamento padrão, que a sociedade preconiza. Trabalham, bem ou mal, cuidam de suas famílias e seguem bebendo a sua cervejinha como lazer.

Existe um outro grupo, esse invisibilizado por grande parte das pessoas que passam pela praça, que dorme profundamente, espalhados pelos bancos da praça, ou que se amontoam a um canto, ora falando animadamente, ora calados, olhando para algo intangível, pra mim beirando o etéreo. Nesse grupo, sempre acompanhado por um cortejo de cachaça barata, encontramos Bernardinho. Pouco asseio, roupas gastas, um pouco duídas, mas alheio a esses detalhes e sobretudo abstraído das próprias mazelas e da forma como os olhares se desviavam ao passar por ele, trazia sempre uma expressão serena e um sorriso largo para quem o notasse.

O carnaval chegou, a praça ganhou novas cores, o desfile de famílias com crianças fantasiadas aumentou. Sem aulas o truco foi suspenso. O dominó seguia inabalável, assim como o grupo de Bernardinho com seus inseparáveis corotes. No sábado de carnaval vi Bernardinho passando em frente da minha casa, a expressão lívida, como se caminhasse em uma corda bamba, mas ao meu aceno, um sorriso iluminou seu rosto pálido.

Na quarta-feira de cinzas, ouvi vozes dos meus vizinhos

defronte a minha casa. Ao sair, para ver o que estava acontecendo, me deparei com o casal de vizinhos ocupados em ajudar Bernardinho: ele tinha caído de cara no chão, um filete de sangue escorria-lhe do nariz. Enquanto a minha vizinha ligava para uma ambulância, o seu marido procurava pela calçada a dentadura, que na queda tinha saído da boca do acidentado.

Alguns minutos de busca e o meu vizinho anunciou que só tinha encontrado metade da dentadura, que tinha se partido em duas, quando Bernardinho caiu. Meu vizinho perguntava onde ele tinha caído, mas a embriaguez não permitia uma resposta concreta. Mais uma busca pelas imediações e nada. A ambulância chegou e levaram Bernardinho para atendimento no hospital. Nas mãos ele segurava firme uma sacola de supermercado com o pedaço da dentadura.

Alguns dias depois, encontrei meu vizinho e perguntei do Bernardinho. Ele me disse que o tinha visto mais cedo e ao cumprimentá-lo, recebeu de volta um aceno e meio sorriso.

Dedico esse texto aos meus amigos Marcela e Rafael, pela forma com que eles tratam e cuidam das pessoas indistintamente.

MONTE SIÃO DE OUTRAS ERAS

Neste espaço o JMS publicará, mensalmente, textos de antigos colaboradores.

A CIDADE NO CÉU

JOSÉ ANTONIO
ANDRETA

Em 1984, quando foram realizados serviços de terraplanagem no cume do Morro Pelado para a construção de uma estação repetidora de sinais de televisão, a lâmina de um trator arrancou do solo uma caixa de madeira revestida internamente de isopor. Dentro da caixa havia três lajes de pedra-sabão quadradas, medindo cada uma cerca de 30 centímetros de lado e dois centímetros de espessura. Todas tinham inscrições esculpidas em ambas as faces. Uma destas inscrições é um texto curto, em português, informando que aquelas lajes são as pedras fundamen-

tais de uma cidade cercada por uma muralha com doze portas, chamada de Nova Jerusalém. Nas faces das outras lajes há uma planta da cidade e dois textos em linguagem desconhecida. O revestimento em isopor da caixa de madeira indica que as lajes tinham sido enterradas menos de vinte anos antes da data em que foram encontradas, pois aquele material começou a ser empregado corriqueiramente para fins comerciais na década de 1960. Por que teriam sido essas lajes enterradas justamente no Morro Pelado?

Não existe, feliz ou infelizmente, um grande mistério envolvendo a inscrição em português e o desenho

da planta da cidade chamada de Nova Jerusalém. A explicação para ambos pode ser encontrada no Novo Testamento da Bíblia cristã, mais especificamente no Livro do Apocalipse.

O Livro do Apocalipse descreve o dia em que Jesus Cristo voltará à terra para ressuscitar os santos e, com eles, enfrentar a besta do mal. A segunda vinda de Cristo à terra é um dos pontos fundamentais da crença dos cristãos. Na luta entre o bem e o mal, segundo o Livro do Apocalipse, os seres humanos serão flagelados e a terra, arrasada, mas Satã será vencido e ficará preso num abismo por mil anos. Durante este tempo, Jesus Cristo e os 144 mil eleitos ressuscitados reinarão sobre a terra até que as forças do mal se levantem novamente e sejam derrotadas para sempre. Deus então ressuscitará todos os seres humanos e os julgará no dia do Juízo Final, de acordo com seus credos e ações. Os maus serão atirados num lago de fogo e os justos viverão eternamente numa cidade descida do céu e chamada de Nova Jerusalém.

Está escrito lá, no Capítulo 14, versículo 1: E eu vi: o Cordeiro estava de pé sobre o Monte Sião e, com ele, os 144 mil que trazem inscritos em suas frentes o nome dele e o nome de seu Pai. Mais adiante, no Capítulo 21, versículos 2 e 3, lê-se: E a cidade santa, a Nova Jerusalém, eu

a vi descendo do céu, de junto de Deus, preparada como uma esposa que se enfeitou para seu esposo. E ouvi uma voz forte, vinda do trono, que dizia: Eis a morada de Deus com os homens.

Ainda no capítulo 21, versículos 12 e 13, a cidade santa é descrita: Tinha espessas e altas muralhas. Tinha doze portas e, nas portas, doze anjos e os nomes inscritos das doze tribos de Israel. Ao oriente, três portas; ao norte, três portas; ao sul, três portas e ao ocidente, três portas. Nos versículos 16 e 17 deste Capítulo um anjo mede o tamanho da cidade com uma vara de ouro: A cidade era quadrada: seu comprimento igualava sua largura. Ele [o anjo] mediu com a vara, ela contava doze mil estádios. Mediu também as muralhas: elas contavam 144 côvados.

O desenho da planta da cidade gravada numa das lajes encontradas no Morro Pelado coincide exatamente com esta descrição.

Os cristãos se dividem em duas correntes com relação à interpretação do texto do Livro do Apocalipse. Uma corrente, chamada de milenarista, acredita que as descrições contidas naquele Livro são literais e que a destruição do mundo e o retorno de Cristo são condições essenciais para trazer a paz à terra. Outra corrente, chamada de não milenarista, aceita a interpretação

dada por Santo Agostinho de que as batalhas descritas no Apocalipse são espirituais e acontecerão no íntimo de cada pessoa. A pessoa que enterrou as lajes no alto do Morro Pelado era adepto da corrente milenarista, pois seguiu literalmente as descrições do Livro do Apocalipse. Ela fez uma ligação entre o nome de nossa cidade e o Monte Sião mencionado no Apocalipse e deve ter imaginado que poderia fundar e fazer prosperar no alto do Morro Pelado uma cidade parecida com a descrita no Livro. Parecida, sim, porque igual é impossível. Os versículos 18, 19 e 21 do Capítulo 21 do Livro do Apocalipse completam a descrição da cidade: o material das muralhas era jaspe e a cidade era de ouro puro. Os fundamentos das muralhas estavam adornados com todo o tipo de pedras preciosas. Cada porta era de uma só pérola. E a praça era de ouro puro, como cristal límpido.

Ainda que as lajes do Morro Pelado sejam apenas o fruto do delírio de alguém que aguardava a chegada iminente do fim do mundo, elas nos fazem pensar que algumas pessoas podem considerar o Morro Pelado um monte sagrado. Diversos montes são considerados sagrados por vários povos e religiões do mundo: o Monte Sinai para os judeus, o Monte Hara para os muçulmanos, o Monte Kailar para os bu-

distas. Há na China cinco montes tidos como lugares nos quais flui da terra uma força telúrica sagrada conhecida como “corrente do dragão”.

Alguns credos religiosos acreditam que, em certos montes, traçando-se uma linha ligando seu cume ao centro de sua base, esta linha passará pelo centro da Terra. Esta ligação invisível seria o caminho por onde fluiriam poderosas cargas de energia esotérica. Não seria por outra razão que, ao longo dos séculos, templos e mosteiros de várias religiões foram construídos no alto de montes e montanhas. Até mesmo uma cidade sagrada – Machu Picchu, no Peru – foi construída pelo povo Inca no alto de uma montanha no maciço dos Andes. Para alguns estudiosos, as pirâmides erguidas por diferentes povos – egípcios, astecas, maias – não passavam de montes artificiais, edificadas em posição propícia para receber o fluxo de energia que emanaria da Terra.

Seria o Morro Pelado um desses montes sagrados, com seu cume orientado para o centro da Terra? Teria sido para receber a energia que fluiria do centro da Terra para o cume dos montes sagrados que pessoas desconhecidas imaginaram fundar uma cidade no alto do Morro Pelado?

Do livro: *A sombra do Morro Pelado*

EXPEDIENTE

ENTIDADE MANTENEDORA: Fundação Cultural Pascoal Andreta

Fundador – Antonio Marcello da Silva

Diretores – Antônio Marcello da Silva (1958-1962); Pascoal Andreta (1962-1972); Ugo Labegalini (1972-2012); Ivan Mariano Silva (2012 - 2020) e Alessandra Mariano (2020 -)

Conselho Administrativo – Alessandra Mariano Silva Martins, Bernardo de Oliveira Bernardi, Jaime Gottardello, José Carlos Grossi, José Cláudio Faraco e Matheus Zucato Robert.

Diagramação – Matheus Zucato Robert

Fotografia – José Cláudio Faraco

Direção financeira – Charles Cétolo

Secretário de Redação – José Carlos Grossi

Jornalista responsável – Simone Travagin Labegalini (MTb 3304 – PR)

Colaboradores – Ariovaldo Guireli, Arlindo Bellini, Antonio Edmar Guireli, Antonio Marcello da Silva, Bernardo de Oliveira Bernardi, Bruno Labegalini, Danilo Zucato Robert, Durval Tavares, Eraldo Humberto Monteiro, Ismael Rielli, Ison João Mariano Silva (*in memorian*), Ivan Mariano Silva (*in memorian*), Jaime Gottardello, José Alaércio Zamuner, José Antonio Andreta (*in memorian*), José Antonio Zechin, José Ayrton Labegalini, José Carlos Grossi, José Cláudio Faraco, Leonardo Labegalini, Luiz Antonio Genghini, Luis Fraccaroli, Matheus Zucato Robert, Ugo Labegalini (*in memorian*), Valdo Resende e Zeza Amaral (*in memorian*), Yoshiharu Endo.

Colaborações ocasionais serão apreciadas pelo Conselho Administrativo do jornal que julgará a conveniência da sua publicação. O texto deverá vir assinado e acompanhado do RG, endereço e telefone do autor, para eventual contato. Cartas enviadas à redação, para que sejam publicadas, deverão seguir as mesmas normas. Toda matéria deverá ser enviada até o dia 10 do mês (se possível através de e-mail) data em que o jornal é fechado.

Redação: Rua Maurício Zucato, 115 – Fone (35) 3465-2467

Monte Sião fica no sul de Minas Gerais, na divisa com o estado de São Paulo. Pelo censo de 2010, conta com 20 870 habitantes. Sua área é de 292 km² e a altitude é de 850m. Monte-sionense é o gentílico para quem nasce em Monte Sião.

jornal.montesiao@fundacaopascoalandreta.com.br



**Pães e Massas Especiais
Panetones e Congelados**

Rua J.K. de Oliveira, 1.170
Fone 3465-1368
Monte Sião - MG



Monte Sião

A Capital Nacional da Moda em Tricô

Março de 2025

Nº 633

ÚLTIMOTREM

ANIVERSARIANTES DO MÊS

Abril de 2025

Dia 1 Bruna Zucato Céto Adriano Ap. da Costa Joselene Faria Maria Clara R. Zucato	Dia 16 Felipe Franco Bueno Alcides Domingos Batista
Dia 2 Giovana Gottardello Marcos V. de Godoy Silva Robson José Jaconi	Dia 17 Isabela Camargo Labegalini Henrique Comune Dalosso Maria Lúcia Gottardello Oliveira
Dia 3 Daiane Coli de Souza Guilherme Vilela de Souza Rafael de Araújo Resende Cristina Fonseca Vilas Boas Luiz Nelzio Franco José Norberto Rodrigues	Dia 18 Rovilson Tavares da Silva Pedro Borges Figueiredo Maria de Paula Gottardello
Dia 4 Bruna Prado Jaconi Ana Beatriz Castro Fonseca Júlia Francisco Magioli	Dia 19 Brunieli Righete Bruna Mariane Lino Rafael Dias e Silva Rosana Artuso Ribeiro
Dia 5 Wilson Cardoso Ferreira Douglas M. Otaviano Miranda Aline Priscila Guarini Rita Ignês Comune S. Oliveira	Dia 20 Silvana R. Pennacchi Érica Faraco Joice Monteiro Reginato Maria Gonçalves da Silva
Dia 6 Carla Diane Dias da Silva Luana Armelin Pitelle Mário Sérgio Moreira Vanessa Durante Pennacchi Patrícia Beatriz Alves Maria Emília Leite Araújo Isabel Rosana Benatti	Dia 21 Benjamim Labegalini Paola Pennacchi Lucas Lino Charles Céto Katsuhiko Takahashi
Dia 7 Karina Domingues Bertolucci Michel Zucato	Dia 22 Hélida Giasiani C. Loura Murilio Zucato de Oliveira
Dia 8 Sebastião Labegalini Karina Gottardello Zechin Magda Gottardello Guireli Rogério Pennacchi	Dia 23 Amilton Fernandes Magioli Evair Comune Maria Otília Gomes Pereira Luiz Antonio M. de Godoi Renata Tavares da Silva Thayná W.G. Benatti Vicente de Paula Faria
Dia 9 Danilo D. Pereira de Lima Marília Franco Bueno	Dia 24 Francisco Carlos Bernardi Marli S. Bueno Parreira Janaina Corsi Pascoal Norberto Comune Andressa Monteiro Felipe Labegalini
Dia 10 Alessandra M. Silva Martins Cláudia Labegalini Antonio Campos Freire	Dia 25 Sebastião Gonçalo Righete Catarina Comune Dalosso Márcia de Cássia F. Godoi Thais Ribeiro Jacomassi
Dia 11 Sebastião Teodoro Araújo Lilian Maria Leite Araújo	Dia 26 Rogério Bueno Mariane de Cássia F. Godoi Carlos Roberto Monteiro Telma Labegalini Maria Ap. Moraes Souza
Dia 12 Bernardo Oliveira Bernardi Amauri Pereira Pinto Júlia Moraes Cardoso Érica Glória Priscila Aparecida Fávero	Dia 27 Maria Marta T. Barbosa Valdirene da Costa Vitor Humberto Monteiro José Airton Zucato
Dia 13 Cirlene Aparecida Gonçalves Rafael Comune Rosângela Comune Lázari Mitsuo Izumi	Dia 28 Adriana Maria Grossi Maria de Lourdes G. Moraes Malvina Gottardello Zechin
Dia 14 Marina Moraes de Oliveira André Luís Machado Pollyanna Figueiredo Alexandre Labegalini Marilene F. Godoi Bueno	Dia 29 Michele Basaglia
Dia 15 José Carlos Grossi Renato Parreira Júnior Maria de L. Ribeiro Labegalini Antonio Tadeu S. Vidal	Dia 30 Bruno Monteiro Guinesi Luiza Zucato Robert Ryan Canela Brandão.

A todos, as felicitações da Redação!

ANIVERSÁRIO DE MONTE SIÃO

Neste mês de março, na edição comemorativa nº 633 o jornal "Monte Sião" destaca os 176 anos da fundação da cidade e os 68 anos do jornal. Parabéns a vocês, "MONTE SIÃO"!

CARNAVAL 2025

A julgar pelos comentários e pelos eventos, Monte Sião retomou sua performance de oferecer bons bailes e excelente carnaval aos foliões locais e aos visitantes! Parabéns, o povo que labuta nas lojas, nas malharias e na roça precisa de momentos para o terapêutico relaxamento, dançando e até refrescando o calor quase insuportável com umas gasosas! Va bene!

MOVIMENTO CULTURAL

Além da participação de grupos que se dedicam à promoção e à apresentação de eventos e ações culturais no carnaval, deverá ocorrer, ao longo do ano, uma série de outros eventos que serão anunciados no devido tempo por intermédio dos meios de comunicação da cidade. Vamos lá, pessoal! Coragem... O nonno está na torcida.

LIVRO NOVO

Logo, logo, o nosso colega Matheus Zucato, jovem escritor monte-sionense, nos apresentará seu novo livro. Estamos no aguardo!

A PRESENÇA DA EMILIA ROMAGNA NO BRASIL

Repercutindo matéria publicada na edição 632 de fevereiro/25, as gravações com diversos emilianos-romagnolos, tendo Monte Sião representada por Michel Caroli, oriundo de Forli e Luiz Antonio Genghini, oriundo de Rimini – Monte Colombo, foi compartilhada pelo whatsapp e pelo Youtube. Sugerimos uma visita ao site: <https://emiliaromagnabrasil.com.br/apresentacao-do-site/>.

PREFEITURA: TERCEIRO MÊS DE TRABALHO

Emplacado o terceiro mês de trabalho, e agora já mais assentado às demandas do cargo, o Prefeito Juninho Zucato vem acelerando alguns projetos e dando continuidade aos antigos. Como bom advogado que é, o alcaide tem aproveitado as oportunidades para divulgar os feitos na mídia social, que acompanhamos por aqui. Inclusive, no dia Internacional da Mulher, licenciou-se por um dia para que a Vice-Prefeita Angélica Artuso (sobrenome de origem toscana, que significa "urso" em italiano) pudesse assumir o poder e despachar com o secretariado! Ho paura di vedere questo sindaco scivolando nel populismo!

REZAS E BOM PRESSÁGIO

Dr. Juninho, agora a D. Cacilda Bressan, 93 anos, recebeu um

terço diretamente da cidade de ROMA e continua firme nas rezas à espera do milagre! Agora passou a chuvarada e o que são uns caminhões de pedregulho, né?

ESTRADAS MUNICIPAIS

Alô senhor Secretário de obras, alô vereador Paió, experiente encarregado da Comissão de Obras da Câmara Municipal! Fim da chuvarada, março/abril vem a enchente das goiabas, e depois haverá longa e relativa estiagem. Hora de atacar na manutenção da malha de estradas municipais. Moradores, visitantes e turistas agradecem, penhoradamente!

TREVO ESQUISITO – OBRA...

Parece que tá andando. Mas, continua uma obra esquisita!

PEDÁGIOS NA REGIÃO

De nada adiantou o esperneio do povo de Monte Sião e do Sul de Minas a respeito dos caríssimos pedágios implantados nas estradas e dos radares para distribuir multas e granel...o provo gritou e as autoridades, inclusive o deputado que é de Ouro Fino, votou a favor da manutenção... Agora, tenho acompanhado pelo WhatsApp a grita do pessoal das estâncias paulistas... Quer saber de uma coisa? Resposta: Vair passar! E nós vamos engolir mais esta. Tá ficando difícil ir de São Paulo a Ouro Fino para ver a mãe, os parentes e os amigos.

CANÇÕES DE MONTE SIÃO

Neste espaço o JMS publicará, mensalmente, letras de canções de músicos monte-sionenses.

Quero em sonho te beijar (bolero anos 50)

JAIR ZUCATO

Mesmo em sonho eu quisera
Os teus lábios beijar
E depois, bem baixinho
Ouvi-los murmurar
Que me amas querida
E a mim sempre hás de amar
E que nada no mundo pode nos separar
E nem mesmo o destino
Por cruel traidor

Poderá nessa vida
Destruir nosso amor
Mas, se acaso algum dia
Tivermos que no separar
Antes quero morrer
Do que te abandonar

ACM ADRIANO - CHARLES - MAURICE
CONTABILIDADE

(35) 3465-1635
3465-4404

R. Juscelino K. de Oliveira, 1102 - Centro - Monte Sião |MG

PORCELANA MONTE SIÃO

BIBELÔS EM GERAL - CANECAS PARA CHOPP
VASOS - CINZEIROS PARA BRINDES, ETC.

A única que produz PORCELANA AZUL e BRANCA no Brasil
AGRADECEMOS SUA VISITA

Rua Sete de Setembro - Tel.: (35) 3465-1117 - Monte Sião - MG

A melhor internet do
Circuito das Águas Paulistas

TELESON
TELECOM

Águas de Lindoia: (19) 3824-3671
Monte Sião: (35) 3465-4963
WhatsApp: (19) 99773-1001

Laboratório de Análises Clínicas Bioanálise

Bioquímico: Ferdinando Righetto

- **Teste do Pezinho ampliado**
- **Credenciamento com os Laboratórios:**

GENOMIC (Teste de DNA) - CRIESP e SAE (São Paulo)
HERMES PARDINI (Belo Horizonte)

Rua do Mercado, 866 - Tel (35) 3465-1714 - Centro - Monte Sião/MG

Nossos avós já compravam na

Loja do Plácido

A mais antiga da cidade - Desde 1922

TECIDOS - CALÇADOS - CONFECÇÕES - CAMA - MESA - BANHO

Rua Presidente Tancredo Neves, 194
Fone: 3465-1144

Sebo do Ismael

Livros, revistas, LPs, CDs, DVDs, VHS, Fitas K7,
Aparelhos eletrônicos, Antiquário

Praça Cavalinho Branco - 410 - Águas de Lindoia - SP
Telefone: (19) 3824-1507 WhatsApp: (19) 99343-9180